

Nossa

Revista do Memorial da América Latina N°49 - Ano 2013 / 2° semestre

AMERICA

**BIENAL DE LYON
E O "SHOW" DOS ARTISTAS NACIONAIS**

DUAS CARTAS DE
JOSÉ ROBERTO TORERO
EM TEMPOS DE COPA DO MUNDO

NOVA PLATAFORMA
BRASILEIRA NA ANTÁRTICA
FUTURO PROMISSOR

ESPECIAL

MANIAS DE VOCÊ

460 ANOS DE SÃO PAULO



**visite o memorial
lazer e cultura de graça!**
para saber mais, acesse o nosso site:
www.memorial.org.br



Foto:Arquivo Mendes Wood DM

GOVERNADOR
GERALDO ALCKMIN

SECRETÁRIO DA CULTURA
MARCELO ARAÚJO

FUNDAÇÃO MEMORIAL
DA AMÉRICA LATINA

CONSELHO CURADOR

PRESIDENTE
ALMINO MONTEIRO ÁLVARES AFFONSO

SECRETÁRIO DA CULTURA
MARCELO ARAÚJO

SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA (em exercício)
RODRIGO GARCIA

REITOR DA USP
JOÃO GRANDINO RODAS

REITOR DA UNICAMP
JOSÉ TADEU JORGE

REITOR DA UNESP
JULIO CEZAR DURIGAN

PRESIDENTE DA FAPESP
CELSO LAFER

REITOR DA FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES
JOSÉ VICENTE

PRESIDENTE DO CIEE
RUY ALTENFELDER SILVA

DIRETORIA EXECUTIVA

DIRETOR PRESIDENTE
JOÃO BATISTA DE ANDRADE

DIRETOR DO CENTRO BRASILEIRO DE
ESTUDOS DA AMÉRICA LATINA
LUÍS AVELIMA (INTERINO)

DIRETOR DE ATIVIDADES CULTURAIS
LUIZ FELIPE BACELAR DE MACEDO

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
SERGIO JACOMINI

CHEFE DE GABINETE
IRINEU FERRAZ

REVISTA NOSSA AMÉRICA

DIRETOR
JOÃO BATISTA DE ANDRADE

EDITORA EXECUTIVA/DIREÇÃO DE
ARTE
LEONOR AMARANTE

ASSISTENTE DE REDAÇÃO
MÁRCIA FERRAZ

DIAGRAMAÇÃO
RENATO CANEVER (ESTAGIÁRIO)
(COLABORARAM) ARTHUR GUMIERI
DE SOUZA (ESTAGIÁRIO) E FELIPE
WERTEFRONGEL BRAVO

REVISÃO
JOELMA GOMES (ESTAGIÁRIA)
KARLA OLIVEIRA (ESTAGIÁRIA)

COLABORARAM NESTE NÚMERO
Adriana Almada, Daniel Pereira, Eduardo Rascov, Gilberto
Marcos Antonio Rodrigues, Joaquim Maria Botelho, José
Roberto Torero, Luís Avelima, Luis Fernando Ayerbe,
Reynaldo Damazio e Tânia Rabello.

CONSELHO EDITORIAL
Aníbal Quijano, Carlos Guilherme Mota, Celso Lafer, Davi
Arrigucci Jr., Eduardo Galeano, Luis Alberto Romero, Luiz
Felipe de Alencastro, Luis Fernando Ayerbe, Luiz Gonzaga
Belluzzo, Renée Zicman, Ricardo Medrano, Roberto
Retamar, Roberto Romano, Rubens Barbosa, Ulpiano
Bezerra de Menezes.

NOSSA AMÉRICA é uma publicação anual da Fundação
Memorial da América Latina. Redação: Avenida Auro Soares
de Moura Andrade, 664 CEP: 01156-001. São Paulo, Brasil.
Tel.: (11) 3823-4669. Vendas: (11)3823-4618
Internet: www.memorial.sp.gov.br
Email: publicacao@fmal.com.br.

Os textos são de inteira responsabilidade dos autores,
não refletindo o pensamento da revista. É expressamente
proibida a reprodução, por qualquer meio, do conteúdo
da revista.

CTP, IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Imprensa Oficial

EDITORIAL
04

MEIO AMBIENTE
06

ANÁLISE
11

DIREITOS HUMANOS
15

REPORTAGEM
18

ENSAIO
22

BIENAL
28

MEMORIAL
32

ANIVERSÁRIO
36

MÚSICAS
46

FEIRA
49

POLÊMICA
52

FUTEBOL
54

ECONOMIA VERDE
58

HOMENAGEM
60

PRÊMIO
61

CURTAS
62

AGENDA
64

POESIA
66

JOÃO BATISTA DE ANDRADE

TÂNIA RABELLO

LUIS FERNANDO AYERBE

GILBERTO RODRIGUES

EDUARDO RASCOV

ADRIANA ALMADA

LEONOR AMARANTE

EDUARDO RASCOV

DANIEL PEREIRA

LUÍS AVELIMA

REYNALDO DAMAZIO

JOAQUIM MARIA BOTELHO

JOSÉ ROBERTO TORERO

TÂNIA RABELLO

EDUARDO RASCOV

DA REDAÇÃO

DA REDAÇÃO

DA REDAÇÃO

VICTOR MANUEL MENDIOLA

EDITORIAL

TEMPO DE MUDANÇAS

Heráclito, o pai da dialética, dizia que “nada é permanente, exceto a mudança”. Seguindo o raciocínio do sábio grego, o Memorial da América Latina também passou por mudanças nos últimos 12 meses, uma delas na área de publicações. Criamos um novo título editorial, a revista *Nossa América Hoje*, temática e de circulação bimensal. Já a tradicional *Nossa América* chega ao número 49, em edição especial de final de ano.

Antes de convidá-los à leitura, peço licença para sucinta prestação de contas. Não se trata de apologia aos resultados obtidos em 2013 pelo Memorial. Um breve olhar pelo retrovisor, entretanto, remete-nos à certeza do dever cumprido, especialmente no que tange ao processo de popularizar o lazer cultural e o incremento de parcerias com vários segmentos da sociedade na região e convênios com instituições públicas e empresariais.

O fortalecimento desses laços propiciou ao Memorial expandir suas atividades culturais, de forma a zelar pelo rico patrimônio arquitetônico con-

cebido por Oscar Niemeyer. Ao mesmo tempo, criamos novos projetos que intensificaram a participação cada vez maior da população, não só da vizinhança, mas de toda a cidade, sem deixar de lado a integração com os países da América Latina, que encontram em nossos espaços um lugar perfeito para suas manifestações culturais.

E é para São Paulo que esta edição especial da revista *Nossa América* dedica todo um ensaio no texto/crônica do jornalista e escritor Daniel Pereira, em que ele reúne números impactantes da metrópole que deixa muitos visitantes de boca aberta. Ao longo de sua história, São Paulo sempre seduziu músicos e compositores vindos de todos os cantos do País, que não se cansam de cantar seus amores pela cidade, como descreve o poeta e tradutor Luis Avelima. Personalidades de várias áreas do Brasil e do Exterior, que um dia passaram por aqui, também deixaram suas impressões de uma forma ou de outra.

Duas bienais merecem destaque – uma brasileira, outra internacional.

A de Curitiba, com um dramático ensaio fotográfico do argentino Hugo Aveta, que congelou em imagens cenas de alguns locais que ainda nos causam aversão, porque são memórias visuais das ditaduras da América Latina. A outra, de Lyon, nos mostra o sucesso de cinco jovens brasileiros, que contaram a história do Brasil sob uma ótica inteligente, mas sem concessões. Leonor Amarante, editora da *Nossa América* foi lá e viu o alagoano Jonathas de Andrade, levantar o único prêmio conferido pela mostra francesa, narrando as diferenças sociais do País ao longo dos anos pela ótica da cadeia produtiva da bala de banana *Nego Bom*, feita desde a época da escravidão.

Sem a serenidade dos cinco jovens artistas plásticos, o escritor mineiro Luiz Ruffato fez um discurso inflamado na abertura da Feira do Livro de Frankfurt, onde o Brasil era o país convidado. Dividiu a plateia brasileira e ganhou a simpatia dos alemães, como comenta o escritor e sociólogo Reynaldo Damazio. A polémica das biografias agitou os basti-

dores em Frankfurt, tema do escritor e jornalista Joaquim Maria Botelho, presidente da União Brasileira de Escritores (UBE).

Às vésperas da Copa do Mundo, José Roberto Torero nos remete a dois episódios futebolísticos com um par de cartas. Uma, datada de 1950, quando as quase 200 mil pessoas que estavam no Maracanã ecoaram um silêncio ensurdecedor diante da inesperada derrota para o Uruguai que nos usurpou o título mundial. O episódio ficou conhecido como Maracanaço e enlutou a Pátria de Chuteiras. Outro texto, de 2013, passa a limpo a situação do esporte no Brasil e conclui que pouco mudou. A nova plataforma da Antártica abre perspectivas animadoras para o Brasil nos próximos anos, como escreve Eduardo Rascov. E a Aliança do Pacífico analisada pelo economista argentino Luis Fernando Ayerbe é um sopro de esperança político-econômica para o Brasil e toda a América Latina.

Boa leitura!
João Batista de Andrade é cineasta e presidente da Fundação Memorial da América Latina.



MEIO AMBIENTE

NOVAS TÉCNICAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Tânia Rabello



Mapitoba. É por esta sigla que a região que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia é conhecida pelo agronegócio brasileiro, que também a qualifica como “a nova fronteira agrícola”. O cultivo de grãos em larga escala avança sobre os cerrados da região, que já detém 10% da produção brasileira de soja, que deve alcançar, em 2014, 90 milhões de toneladas e ultrapassar, pela primeira vez, a safra estadunidense.

Apesar do fato dos investimentos em agricultura no Mapitoba não estarem sendo feitos por amadores, muito menos por pequenos produtores – ao contrário, grandes grupos cultivam milhares de hectares na região –, a lógica de ocupação não se modifica em relação à tradição dos posseiros e pequenos agricultores desprovidos de tecnologia: desmatar para plantar, ação movida sobretudo pelo interesse econômico imediatista. Ainda mais quando se trata de atender à forte demanda mundial por grãos, especialmente da China, responsável por 60% das exportações brasileiras de soja, *commodity* cujos preços internacionais têm compensado a abertura de novas áreas.

O cultivo de grãos e o desmatamento, consentido pelo Código Florestal, avançam nas extensas áreas de cerrado do Mapitoba e se aproximam, ano a ano, das bordas da floresta amazônica, com a qual se limita no centro-oeste maranhense e no norte do Tocantins. Em outros Estados que abrigam parte da Amazônia Legal, a agricultura, a pecuária e outras atividades também erradicam a vegetação nativa – primeiramente os cerrados e em sequência a alta floresta, como o norte de Mato Grosso, o principal produtor de grãos do País.

Adentrando o bioma amazônico, a realidade do desmatamento, em favor da agricultura, pecuária e exploração predatória de madeira, não é diferente. Embora de dez anos para cá as taxas de derrubada da mata nativa tenham se reduzido em 80%, o desmatamento não para. Entre agosto de 2012 e julho de 2013, houve, aliás, aumento no índice de corte raso, que elimina a mata, fato que não ocorria desde 2004, segundo o Instituto Imazon.

Não foi um aumento pequeno. No período, esse índice cresceu 92%, atingindo 2.007 quilômetros quadrados, ante 1.047 quilômetros quadrados entre agosto de 2011 e julho de 2012. No Pará estão as maiores derrubadas, com 810 km² (40% do total), seguido de Mato Grosso, com 621 km² (31%). Neste Estado, aliás, a área desflorestada dobrou em relação ao período anterior, que havia registrado “apenas” 273 km² de desmatamento.

Tais fatos só comprovam que, em pleno século 21, e com toda a tecnologia disponível para a agricultura tropical, o País ainda não tem uma fórmula eficaz que concilie o avanço da agricultura com a proteção dos seus principais biomas. Em mais de 500 anos, a Mata Atlântica já teve 93% de sua área desmatada; o Pampa gaúcho 60%; o Pantanal 15%; a Caatinga 46%, o Cerrado 48% e a Amazônia 17%. No rastro da degradação ambiental e da enorme perda de biodiversidade, seguem a agricultura, a pecuária e a exploração predatória. E, principalmente, a falta de vontade política de reverter a situação.

“O problema é que todo esse avanço, não só dos grãos, como da pecuária e de outras culturas – e isso em todo o Brasil – nunca foi feito de uma maneira planejada e ordenada”, critica o chefe-geral da Embrapa Meio Ambiente, o engenheiro agrônomo Celso Vainer Manzatto. “O Brasil não dispõe de um

zoneamento agroecológico para as principais culturas”, continua o agrônomo, referindo-se ao que seria um mapeamento detalhado do território nacional levando em conta fatores como solo, clima e relevo para definir que tipo de cultivo seria ou não adequado para determinada região. Manzatto comenta que apenas a palma de óleo de dendê, na Amazônia, e a cana-de-açúcar contam com esse tipo de zoneamento. “Já em relação às outras culturas, a ocupação do território e a consequente retirada da floresta se dá, puramente, na base dos interesses econômicos.”

O engenheiro agrônomo Marcos Jank, em artigo no jornal *O Estado de S. Paulo* intitulado “Desmatamento líquido zero”, faz coro à declaração de Manzatto: “O processo de ocupação do território nacional foi marcado por mudanças constantes nas regras do jogo e na falta de planejamento. Cidades cresceram em áreas onde jamais se deveria construir. A agricultura avançou sobre áreas sem aptidão agrícola, tanto em termos de solos como de declividade. Basta rodar pelo interior e observar a imensa quantidade de pastos degradados que dominam morros inacessíveis para o cultivo, cheios de cupinzeiros”.

Para a secretária executiva do Instituto Socioambiental (ISA), Adriana Ramos, adicione-se a isso a sensação de impunidade proporcionada pelo novo Código Florestal, que também pode ser um dos vetores da retomada do desmatamento na Amazônia. O Código entrou em vigor em outubro do ano passado e praticamente anistiou as derrubadas da mata nativa feitas até julho de 2008 (já que exige uma recomposição menor de áreas de preservação permanente em relação ao Código anterior). “Além disso, se prevê uma revisão para daqui a cinco anos desses critérios, o que estimula mais ainda o desmatamento, pois, com a revisão, há o risco de ha-

ver nova anistia”, diz. “Infelizmente, o interesse econômico ainda se sobrepõe às políticas mais sustentáveis, de longo prazo e de manejo racional da floresta”, lamenta Adriana. Além do planejamento nacional, uma providência sempre destacada pelos vários atores do agronegócio

zatto, da Embrapa, lembrando ainda da tendência cada vez maior de utilização de elementos naturais na agricultura, como o controle biológico de pragas e doenças, que também contribuem para a preservação ambiental.

Outra solução constantemente



Foto: Drulgação

para reduzir a ameaça aos biomas ainda restantes é intensificar a agricultura e a pecuária, ou seja, produzir mais com menos área. O que, na verdade, já vem ocorrendo – segundo a Conab, de 25 anos para cá, a área plantada no Brasil cresceu 20% e a produção agrícola 110%. “Outra iniciativa atual e importante é o Programa ABC (Agricultura de Baixo Carbono) do governo federal, que incentiva, por meio de financiamentos a juros baixos, a adoção de práticas sustentáveis no campo”, destaca Man-

mencionada para reduzir a pressão sobre os biomas ameaçados são os 60 milhões de hectares de pastagens degradadas que têm elevada ou média aptidão agrícola, pelas contas do professor Gerd Sparovek, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da USP (Esalq/USP). Para ele, cedo ou tarde, essa imensidão de terras disponíveis terá de ser convertida em lavoura, sem necessidade, portanto, de derrubar mais mata nativa e antes que o Mapitoba engula seu quinhão de floresta amazônica.

Quanto vale uma floresta em pé?

O que vale mais? Um hectare de pasto ou um hectare de mata nativa? Pelas contas do biólogo Thiago Junqueira Roncon, em sua dissertação de mestrado feita na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e intitulada “Valoração Ecológica de Áreas de Preservação Permanente”, a extrema valorização da agricultura ou pecuária em detrimento da vegetação nativa pode ser um contrasenso. O trabalho, feito sob orientação dos professores-doutores Paulo Roberto Beskow da UFSCar/Araras e Enrique Ortega, do Laboratório de Engenharia Ecológica da Unicamp, revela que os benefícios de manter uma floresta em pé são muito maiores do que desmatá-la para ocupar a área com lavouras.

A ideia do trabalho foi medir o “trabalho” da natureza e os serviços ambientais que ela presta e converter tudo isso em valores monetários, uma linguagem que o agronegócio entende bem. Foi uma tentativa de mudar o pensamen-



to dos produtores rurais, de que manter floresta em pé significa prejuízo. O que não quer dizer, obviamente, que toda área agricultável deveria ser reconvertida em floresta. Mas um trabalho deste nível,

na visão de Roncon, pode servir para orientar políticas públicas, sobretudo no que diz respeito ao Pagamento por Serviços Ambientais (PSA) para o produtor rural que optar por preservar.

Parte do trabalho foi realizada no Sítio Duas Cachoeiras, em Amparo (SP), do produtor rural agroecológico e presidente da Associação de Agricultura Orgânica (AAO), Guaraci Maria Diniz Jr. Em seu sítio, de 36 hectares, Diniz Jr. reflorestou, em 25 anos, 80% da área. Entre os números revelados na dissertação, Diniz Jr. destaca um deles: “Em uma área aqui do sítio, onde a mata se regenerou sozinha há 75 anos, o saldo dos serviços ambientais prestados para toda a comunidade e a população é de R\$ 4.900,00 por hectare/ano. Em uma área de pasto, também considerada no trabalho, segundo o mesmo cálculo, a perda é de R\$ 20.000,00 por hectare/ano”, diz Diniz Jr.

“Por essas contas, se recebêssemos pagamentos por serviços ambientais condignos, o poder público teria de desembolsar R\$ 4.900 por hectare/ano; já o proprietário da área de pasto teria de pagar multa de R\$ 20.000/hectare/ano”, continua Diniz Jr., lamentando, porém, que infelizmente a lógica do sistema não funciona dessa maneira. “Em vez de investir na agroecologia e em um sistema sustentável de produção de alimentos, investe-se no desmatamento e na monocultura exportadora.” Lembrando, por exemplo, que 1 hectare de soja rendeu por volta de R\$ 3.000,00 na safra passada, sem retirar daí os custos de produção, que ultrapassam R\$ 1.000,00.

Tânia Rabello é jornalista, especialista em meio ambiente e colaboradora das revistas Brasileiros e Arte!Brasileiros.

ANÁLISE

Luis Fernando Ayerbe

ALIANÇA DO PACÍFICO

COMO CONTRAPONTO À ALBA E À UNASUL.
VISÕES DESDE OS ESTADOS UNIDOS

Este artigo analisa a percepção por parte dos *think tanks* estadunidenses do impacto da formação da Aliança do Pacífico (AP) como mecanismo de integração adepto ao livre mercado e sem restrições à participação norte-americana, visto como um eixo diferenciado ao que configurariam a Aliança Bolivariana para as Américas (Alba) e a União das Nações Sul-americanas (Unasul).

Dadas as limitações de espaço, nos deteremos a três *think tanks* que têm dado maior atenção ao tema objeto do artigo. O American Enterprise Institute (AEI), que conta entre seus quadros com Roger Noriega, subsecretário para o Hemisfério Ocidental de George W. Bush; O Center for Strategic and International Studies (Csis), que tem, entre seus conselheiros, Zbigniew Brzezinski, assessor de Segurança Nacional de Jimmy Carter e teve como membro a Otto Reich, secretário para o Hemisfério Ocidental de George W. Bush e o Heritage Foundation (HF), cujo analista de política externa, Ray Walser, exerceu a co-presidência da campanha do candidato Republicano Mitt Romney para as questões relativas à América Latina.

Tanto o American Enterprise Institute como a Heritage Foundation têm focalizado a atenção no ativismo da Alba. Durante o processo eleitoral de 2008, Roger Noriega colocava entre os desafios destacados para o próximo presidente o “Imperialismo Bolivariano” sustentado financeiramente pelo aumento dos preços do petróleo, apresentado como fator de fortaleza conjuntural, ainda que de limitado alcance estrutural, prevendo um inevitável fracasso quando o mercado se estabilizar.

Diferentemente de Hugo Chávez e a Alba, Noriega vê positivamente a atuação do presidente peruano Ollanta Humala, que dando continuidade ao seu antecessor Alan García

na promoção da Aliança do Pacífico, “provou ser mais pragmático do que ideológico, e parece cada vez mais confortável com as soluções de livre mercado em detrimento da agenda estadista”.

Sob esse aspecto, Ray Walser, da Heritage Foundation, enfatiza as diferenças da liderança brasileira, que mesmo buscando maior autonomia regional dos EUA, consegue moderar o radicalismo da Venezuela: “Chávez reconhece que não pode ditar inteiramente a agenda regional para a América Latina. Ele deve, portanto, permanecer suficientemente flexível para apoiar projetos como a recém-criada Unasul. Ele também deve ajustar as políticas econômicas e comerciais o suficiente para preservar a participação no Mercosul.”

Desse modo, as prevenções com o eixo bolivariano tornam-se crescentemente alarmantes nas análises da Heritage Foundation. De acordo com Suarez-Murias, a Alba seria uma porta de entrada do Irã na região: “Quando os EUA levaram o Ocidente a estabelecer sanções paralisantes contra o Irã, os Estados da Alba continuaram a negociar com o Irã. Venezuela e Equador permitiram ao Irã usar estruturas bancárias internas para mover o seu dinheiro no mercado internacional. Além disso, as operações com Cuba e Venezuela têm sido bem sucedidas em falsificar documentos de identidade para que cidadãos iranianos migrem mais livremente para a América do Norte”.

Nesse clima de “ameaça bolivariana iminente”, os presidentes da Aliança do Pacífico (Chile, Colômbia, Peru e México) decidiram eliminar taxas alfandegárias sobre 90% do seu comércio em uma reunião realizada na cidade de Cali em maio de 2013. A decisão é percebida como fator positivo que deveria demandar maior atenção do governo Obama. Para Sergio Daga,

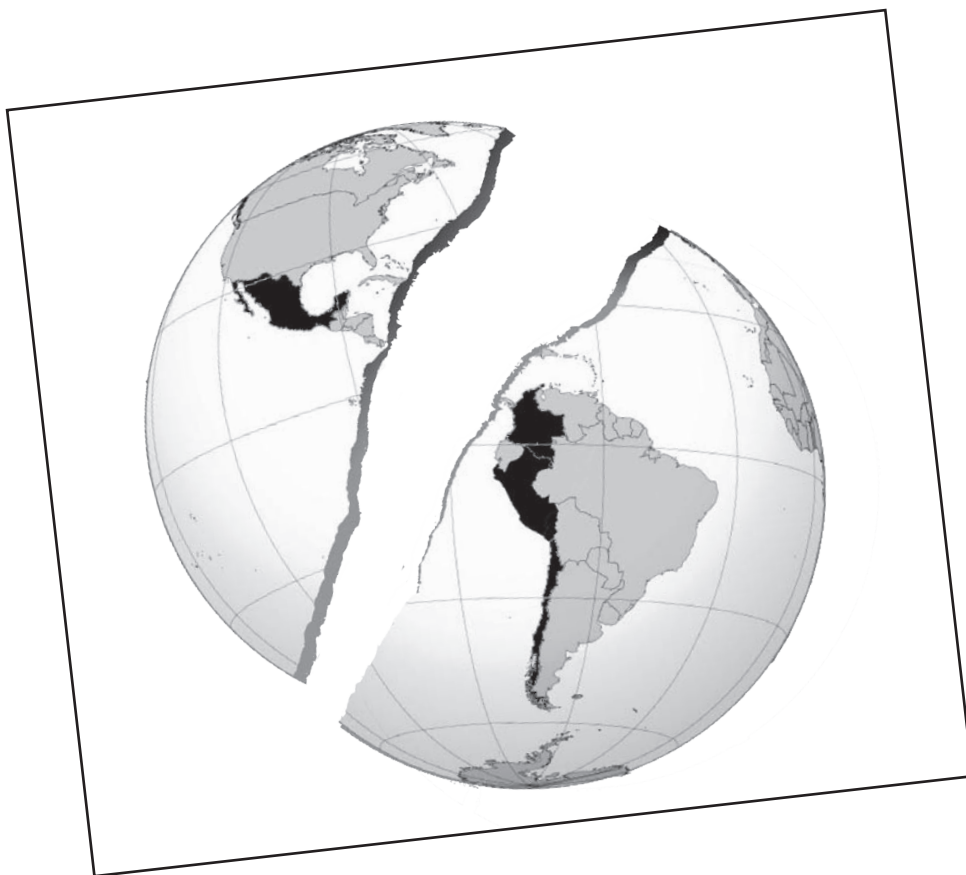
da Heritage Foundation, trata-se de um “bloco comercial, consideravelmente mais pragmático e menos ideológico que outros da região (por exemplo, a Alba, Celac e Unasul, todos eles chavistas)”.

Analisando o caso Snowden e a emergência da Aliança do Pacífico, que considera dois marcos das relações hemisféricas de 2013, Carl Meacham, do CSIS, se questiona sobre o fato da oferta de ajuda ao espião, asilado provisoriamente na Rússia, se concentrar no Hemisfério Ocidental, particularmente em países associados à ALBA, o que vê como indicador da tendência ao deterioro da posição dos EUA: “uma série de líderes da região, particularmente Maduro, procura seguir o exemplo de Chávez e Fidel Castro. Sua liderança dependeu principalmente de ganhar relevância e influência posicionando-se contrariamente aos Estados Unidos e ao interesse

nacional dos EUA. Emprestando uma mão para Snowden, esses líderes latino-americanos continuam essa longa (e em grande medida cansativa) tendência”.

Como compensação, Meacham aponta as razões pelas quais os EUA deveriam integrar a AP: “a Aliança do Pacífico incorpora um conjunto de valores que os Estados Unidos têm defendido, tanto na região como ao redor do mundo (...) aceitar um convite para ser membro pleno seria, em suma, a mensagem de que os Estados Unidos estão do lado dos seus vizinhos da América Latina que trabalham por uma maior liberalização econômica.”

Referindo-se ao Brasil, Meacham considera que situações conjunturais internas somadas às opções regionais que o país tem tomado, colocam uma tendência ao isolamento, o que deveria ser discutido no encontro que Dil-



ma Rousseff e Barack Obama teriam em outubro, posteriormente cancelado, por causa do mal-estar com as revelações de Snowden de espionagem da presidência, missões diplomáticas e empresas brasileiras: “uma combinação de fatores - incluindo a queda acentuada da popularidade da presidente Dilma Rousseff como resultado de semanas de protestos contínuos e o fato de que os Estados Unidos “e outros parceiros regionais” avançam em uma variedade de acordos comerciais, incluindo a Parceria Transpacífica (TPP), a Aliança do Pacífico, e a Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (T-TIP) com a União Europeia - deixaram o Brasil do lado de fora da festa, dançando sozinho em casa. Esta situação cria uma oportunidade para que o Brasil considere uma

cooperação comercial mais profunda com os Estados Unidos.”

Diferentemente da manifestação do presidente colombiano Juan Manuel Santos, por ocasião da reunião em Cali, de que a Aliança do Pacífico não pretendia ser um contraponto a outros mecanismos regionais de integração, as análises apresentadas na seção anterior mostram que setores representativos do *establishment* da política externa estadunidense exaltam essa iniciativa como base de um novo eixo pró-mercado capaz de revitalizar a agenda de liberalização de alcance hemisférico delineada na Alca (Área de Livre Comércio das Américas) lançada por Bill Clinton na Cúpula das Américas de Miami, e rejeitada na Cúpula de Mar del Plata de 2005, em que prevaleceu a posição dos países do Mercosul e Venezuela.

Dessa forma, seria possível pensar na reversão de um cenário regional que preocupa esses setores desde a presidência de George W. Bush, setores que visualizam o predomínio de um eixo antiamericano patrocinado por governos de esquerda, especialmente os sul-americanos encabeçados por Hugo Chávez e Nicolás Maduro, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, Néstor e Cristina Kirchner, Evo Morales e Rafael Correa, que assumem perfis mais explícitos, embora com diferenças de radicalismo, na Alba e na Unasul.

Para favorecer a perspectiva promissora aos interesses estadunidenses que esses *think tanks* associam à Aliança do Pacífico, recomendando ao governo do país a reversão do déficit de atenção que nos últimos anos tem caracterizado a política hemisférica.

Luis Fernando Ayerbe é coordenador do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais, Ieei-Unesp.



PACTO DE SÃO JOSÉ

Gilberto Marcos Antonio Rodrigues

Os embates do governo da Venezuela com os órgãos do Sistema Interamericano de Direitos Humanos (Sidh), que se consumaram com a retirada do país do Pacto de São José da Costa Rica em 2013, colocaram em primeiro plano o debate regional sobre a difícil relação entre o cumprimento de decisões internacionais no campo dos direitos humanos e os intérpretes da soberania estatal.

A decisão venezuelana, vista na diplomacia como um ato extremo de Caracas, não ocorreu de forma isolada: governos sul-americanos – incluindo o Brasil – questionam o *modus operandi* da Comissão Interamericana de Direitos Humanos e propõem a sua reforma. Em relação à Corte Interamericana de Direitos Humanos,

cuja jurisdição depende de aceitação do Estado, a questão recai no cumprimento de suas sentenças.

Assim, no atual contexto de críticas ao Sidh há uma afirmação política de governos de esquerda, sobretudo na América do Sul, que vem agindo com relativo sucesso na configuração de novos espaços regionais. Com efeito, a União das Nações Sul-Americanas (Unasul) e a Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos (Celac) assumem, ainda que tacitamente, funções concorrentes à OEA (Organizações dos Estados Americanos). Ora, não é de se estranhar que sendo a vertente mais desenvolvida e impactante da OEA, o Sidh esteja no olho do furacão da política internacional da região.

Contudo, em que pese esse

cenário político, há um desafio inerente a qualquer sistema internacional de direitos humanos, com grau mínimo de institucionalidade e de imposibilidade: fazer valer as suas decisões perante os governos, cujos Estados se comprometeram e se obrigaram, a priori, a respeitá-las e a executá-las. Todos os Estados-partes da Convenção Americana de Direitos Humanos/1969 (Pacto de São José da Costa Rica) são obrigados a acatar as recomendações da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (Cidh); e todos os que reconhecem a jurisdição obrigatória da Corte Interamericana de Direitos Humanos (Corte IDH) são obrigados a aceitar e a aplicar as suas sentenças. Do ponto de vista do direito, e de sua expressão dogmática, essas seriam operações lógicas e automáticas; não é assim que ocorre na prática. Os Estados nacionais ou bem tentam se subtrair ao cumprimento, valendo-se de subterfúgios e ações protelatórias; ou bem declaram que não executarão a sentença. Esse é o ponto essencial do conflito entre a jurisdição internacional e a soberania nacional. A seguir, trato de analisar como as decisões dos órgãos do Sidh são absorvidas ou contrariadas pelos governos, a partir de casos relacionados ao Brasil.

Por que existem órgãos de investigação, monitoramento e julgamento internacionais de direitos humanos? Porque os Estados se comprometem internacionalmente a reconhecer, respeitar, aplicar e promover os direitos humanos e delegam às organizações internacionais, em âmbito universal (ONU) e regional (como a OEA), o papel de auxiliá-los nessa tarefa, pela via da cooperação internacional. Como aponta André de Carvalho Ramos (Teoria Geral dos Direitos Humanos, 2013, p. 128), “(...) a subsidiariedade

da jurisdição internacional (...) é uma constante” – daí o princípio do esgotamento dos recursos internos, que autoriza a ação internacional a partir do momento em que as etapas internas não respeitam o conteúdo ou a forma dos padrões mínimos de direitos humanos. Outros princípios de Direito Internacional geral (previstos na Convenção de Viena sobre Direito dos Tratados/1969) completam o quadro: as obrigações assumidas devem ser cumpridas de boa fé (*pacta sunt servanda*) e é vedado invocar direito interno para descumprir direito internacional (questão que desafia países federais, como Argentina, Brasil e México, onde há violações de direitos humanos por agentes estaduais e provinciais). Há, de fato, um sólido regime internacional a balizar as obrigações assumidas pelos Estados em Direitos Humanos.

Com sede em Washington, e composta por sete comissários, a Cidh é um órgão híbrido do Sidh, quase-judicial, com poder de investigar, a partir de denúncias feitas por Estados ou particulares. Sua nota distintiva é a sua acessibilidade à sociedade civil, que vem exercendo a advocacia internacional dos direitos humanos como promotora de casos perante a Comissão. Sua competência não é a de impor decisões aos Estados, mas a de fazer recomendações, cujo cumprimento pode ser monitorado pela própria Cidh. Caso ela entenda que as recomendações não foram observadas parcial ou integralmente, o caso pode ser levado para a Corte IDH. Solicita, também, medidas cautelares para garantir a preservação de direitos cuja violação ameace gerar situações irreversíveis. Na prática da Cidh, há casos em que os Estados cumpriram voluntariamente as recomendações e outros em que isso não ocorreu. No Caso Maria da Penha,

o Brasil fez a alteração legislativa recomendada (Lei 11.340/2006) para punir com rigor casos de violência à mulher; por outro lado, recusou-se a cumprir a medida cautelar que pediu a suspensão das obras da Usina de Belo Monte (2011), sob a alegação de desrespeito a procedimentos de consulta às populações afetadas. Num caso, o País adotou a recomendação; noutro, a soberania foi invocada e obstou o cumprimento da cautelar. Mas, como nota Paulo Sergio Pinheiro (Brasil, Direitos Humanos, 2008, p. 38), “(...) a política do Estado Brasileiro tem sido a de colaboração com a Comissão na OEA”.

Sediada em São Jose, Costa Rica, com sete juízes, a Corte IDH pode ser acionada pelos Estados membros da OEA ou pela Cidh. Sua competência é consultiva (opiniões não vinculantes) e contenciosa; nesta última, a sentença é obrigatória para o Estado condenado. O cumprimento (*compliance*) das decisões da Corte IDH pelos Estados não é fácil de medir e analisar, pois pode ser integral em um ponto, parcial em outro ou haver descumprimento de um terceiro, na mesma sentença. Dessa maneira, em pesquisa sobre as decisões da Corte IDH na América do Sul, Isabela Garbin mostrou que o nível médio de cumprimento total dos casos julgados sul-americanos é de cerca de 40% (Unesp, 2010). Havendo reconhecido a jurisdição da Corte IDH em 1998, o Brasil já foi condenado em cinco casos. No caso Guerrilha do Araguaia deu-se o mais visível descumprimento de uma sentença da Corte IDH pelo País: a lei de anistia (Lei 6.683/1979) foi declarada constitucional pelo STF, que remeteu eventual mudança para o Congresso Nacional. A decisão da Corte IDH (2010), nesse mesmo tema, decidiu que aquela lei não prevalece sobre a imperatividade do julgamento de



crimes contra a humanidade.

Órgãos internacionais de Direitos Humanos atuam em paralelo aos sistemas nacionais, conformando-os ao Direito Internacional dos Direitos Humanos e aos compromissos voluntários dos Estados. Na sua dupla tarefa de promoção/proteção, o Sidh emite decisões internacionais que desafiam, continuamente, às soberanias nacionais. E, os Estados-partes deveriam – ao menos em relação à Corte IDH – aceitar, sem nenhum obstáculo, seu caráter supranacional; ou seja, como sendo a última palavra.

Gilberto Marcos Antonio Rodrigues é professor do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC e pós-doutor em Direitos Humanos pela Universidade de Notre Dame (EUA).

BRASIL AVANÇA NA ANTÁRTICA

Eduardo Rascon

Quando a estação brasileira pegou fogo, em 25 de fevereiro de 2012, ascendeu um farol amarelo na comunidade científica. Íamos continuar investindo no conhecimento da Antártica ou, como quase sempre no país, levaríamos o projeto a banho-maria, abandonando-o aos poucos, por ser caro e não apresentar resultados econômicos imediatos? Um ano e oito meses depois, em outubro de 2013, foi anunciado o vencedor de um concurso internacional - patrocinado pela Marinha Brasileira e organizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil - para a construção da nova Estação Antártica Comandante Ferraz. Trata-se de um projeto do escritório de Curitiba Estúdio 41, do arquiteto Fábio Henrique Faria, estimado em 100 milhões de reais. Se tudo der certo, as obras começam em março do ano que vem e terminam em um ano.

Uma pequena cidadela, capaz de abrigar até 64 pessoas no verão, com

conforto razoável para os cientistas (dois em cada camarote) e modernos laboratórios de pesquisa, distribuídos em módulos pousados sobre a neve. O edifício principal terá área total de 4,5 mil metros quadrados. Mais sete unidades espalhadas por cerca de 500 metros quadrados da Ilha do Rei George, na baía do Almirantado, as quais vão centrar pesquisas meteorológicas, atmosféricas e sobre a camada de ozônio, entre outras. Ao todo, serão 18 laboratórios e áreas que servirão para apoio, lazer e produção de energia. Essa, aliás, será baseada em fontes renováveis, assim como o esgoto que será recuperado no local.

A nova Comandante Ferraz condiz com a ambição política brasileira. O país pleiteia um acento permanente no Conselho de Segurança da ONU e cada vez mais se projeta como um ator internacional que precisa ser ouvido. E usa para isso os meios que convencionou-se a chamar de *soft power*. Nesse contexto,



Foto: Divulgação

ser capaz de manter em alto nível a exploração científica na Antártica equivale a fincar uma bandeira - verde e amarela - no imaginário geopolítico mundial. A mensagem é a seguinte: o Brasil não só permanece na Antártica, como vai aumentar sua presença, e não abre mão de influir na decisão do futuro do continente gelado.

Houve um tempo em que o Brasil e a Antártica estavam unidos e por aqui fazia frio, muito frio. Sinais dessa glaciação estão por todo o território brasileiro na forma de sulcos e marcas que caracterizam o arrasto de grandes blocos de gelo, encontrados no fundo de rios, lagos e no litoral. Isso foi há inimagináveis 300 milhões de anos. Nessa época, a América do Sul, a África, as penínsulas arábica e indiana, a Austrália e a Nova Zelândia formavam um supercontinente chamado Gondwana. O nome refere-se à uma região da Índia onde foi encontrado, pela primeira vez,

vestígios de uma planta, uma espécie de samambaia gigante, comum a todos esses territórios.

Quem nos avisa sobre isso é o professor Antônio Carlos Rocha-Campos, autoridade mundial quando o assunto é estudar o solo da Antártica (isso mesmo, o maior geólogo brasileiro chama-se Rocha-Campos). Essa descoberta é o resultado de um projeto de pesquisa comandado por ele e financiado pela Fapesp (fundação de amparo à pesquisa do Estado de São Paulo). Por outro lado, estudos dão conta que há uns 65 milhões de anos a Antártica, ainda ligada à Austrália, tinha um clima entre o tropical e o subtropical, pois há vestígio de fauna e flora típicos de regiões mais quentes e de animais marsupiais.

De alguma forma, até hoje, o Brasil e a Antártica estão ligados, pois há “uma série de fenômenos na América do Sul, que afetam a alta atmosfera, e, portanto, as navegações aéreas e os

Acima: o navio H44 que opera nas expedições de pesquisa.

satélites, o clima, as correntes oceânicas, a água do fundo do oceano Atlântico estão diretamente relacionados à Antártica”, explica Vicente Gomes, professor do Instituto de Oceanografia da USP e um dos veteranos exploradores do Polo Sul.

Daí a importância imediata de continuar estudando o continente gelado. Há muitas outras razões apontadas pelo professor Vicente Gomes: “Estudar o funcionamento do ecossistema local é fundamental para se conhecer o ecossistema global. A Antártica pode ser a primeira região afetada pelo aquecimento global. Por causa das condições geomagnéticas da terra, as manchas solares estão relacionadas com eventos que podem ser mais facilmente medidos lá. Do ponto de vista biológico, é importante conhecer a fisiologia de seus animais. Esses estudos podem ser utilizados para vários fins, como fonte de alimentos, de recursos, e como fármacos. Por exemplo, os anticongelantes podem ser usados para conservar órgãos para transplantes...”

Há quem diga que o subsolo da Antártica está repleto de combustível fóssil - petróleo e gás. Um cálculo cínico espera o gelo derreter para começar a exploração. É verdade que há um tratado internacional proibindo essa iniciativa por tempo indefinido. Mas para que servem os tratados senão para serem quebrados, dizem os hipócritas. “Em qualquer situação será muito difícil a exploração de petróleo na Antártica, é uma questão tão complexa que envolve muito mais elementos do que simplesmente derretimento e exposição do solo”, lembra o professor Vicente Gomes, devido às condições adversas, “se houver o derretimento global será mas fácil no Ártico, que é mais frágil”. De fato, o Oceano Ártico (onde fica o Polo Norte) banha a Rússia, o Alasca



(EUA), a Groelândia (Dinamarca) e o Canadá. Esses países, mais a Noruega, reivindicam direitos de posse e de exploração econômica da região.

Já a Antártica é regulamentada pelo Tratado da Antártica, de 1959. Por meio dele, os países que reivindicavam uma parte do território - Argentina, Austrália, Chile, França, Noruega, Nova Zelândia e Reino Unido - renunciaram a essa posse. E o continente gelado foi aberto a todos que quisessem explorá-lo, apenas cientificamente e em regime de cooperação. As atividades econômicas, militares e nucleares foram proibidas, bem como a ocupação humana massiva. E a região foi declarada um santuário ecológico e ambiental. Quem coordena as atividades científicas é o Comitê Especial para Pesquisas Antárticas (Scar), formado por delegados de todos os



Foto: Estúdio 41

países engajados em pesquisas antárticas, como Chile, Argentina, Polônia, Estados Unidos, Reino Unido, França, Japão, Noruega, África do Sul, Rússia, entre outros. O Scar, por sua vez, surgiu em 1957 sob instâncias do Conselho Internacional da União Científica (Icsu) e da Organização Meteorológica Mundial. O nosso professor Rocha-Campos foi o único brasileiro a presidi-lo (1994 – 1998) e atualmente é seu conselheiro. Por tudo isso, a Antártica é um caso bem sucedido de compartilhamento e de resolução de demandas e de conflitos entre as nações. Um continente dedicado ao conhecimento. Um exemplo para o mundo do qual o Brasil faz muito bem em participar.

Eduardo Rascov é jornalista e editor do site do Memorial da América Latina.



Foto: D. Delgado

Acima : projeto da nova plataforma brasileira da Antártica de autoria Fábio Faria, de Curitiba.

Ao lado : grupo de militares da marinha brasileira na Antártica.

ENSAIO

HUGO AVETA E A ARTE DA MEMÓRIA

Adriana Almada

Em Hugo Aveta, a imagem fotográfica é o resultado de processos que modelam fisicamente a recordação. Em maquetes de pequena escala são reconstruídos espaços reais de significado simbólico coletivo (estádios, clubes, museus e cinemas), bem como espaços oníricos íntimos. Os quais são reelaborados a partir de informações ou imagens obtidas por ele mesmo. Em cada espaço, o artista trabalha a atmosfera e o silêncio (o grito, às vezes). E quando sente que está o mais



Piano no Panal, 2011
Fotografia
Impressão in jet sobre papel
Baryta, 110 cm x 160 cm.
Um piano queimado e um
vídeo nesta imagem do
Conservatório Provincial
de Música de Córdoba
(Argentina).

próximo possível do que imaginou ou pressentiu, fotografa. Assim realizou esta série que apresentou na Bienal de Curitiba 2013. Muitos desses lugares se inserem na trágica história de torturas e desaparecimento na Argentina, e um deles recria o triste e exuberante conteúdo do Arquivo do Terror no Paraguai. “A montagem das imagens baseia toda a sua eficácia em uma arte da memória”, diz Didi-Huberman. Entre o documento e a ficção, as montagens de Hugo Aveta - com toda a força poética que são capazes de transmitir – alimentam-se de tempo e a ele se abandonam.





Arquivos do Terror do Paraguai. Fotografia. Impressão in jet sobre papel Baryta. 110 cm x 165 cm.
Após fotografar em Assunção milhares de pastas que continham os prontuários de presos políticos sob o regime de Alfredo Stroessner (1954-1989), Aveta criou o que atualmente é conhecido como Arquivo do Terror: um amplo conjunto de documentos policiais descobertos no final de 1992 que inclui, além dos clássicos prontuários, relatórios sobre troca e transferência de presos políticos, sessões de tortura, espionagem e controle de atividades civis. Declarado "patrimônio documental mundial" pela Unesco, serviu para denunciar a existência da Operação Côndor, através da qual, forças policiais, militares e organismos de inteligência do Paraguai, Argentina, Brasil, Chile e Uruguai coordenavam tarefas de repressão e desaparecimento forçado de pessoas.





Kiefer, 2009

Fotografia

Impressão in jet sobre papel

Baryta.

110 cm x 144 cm

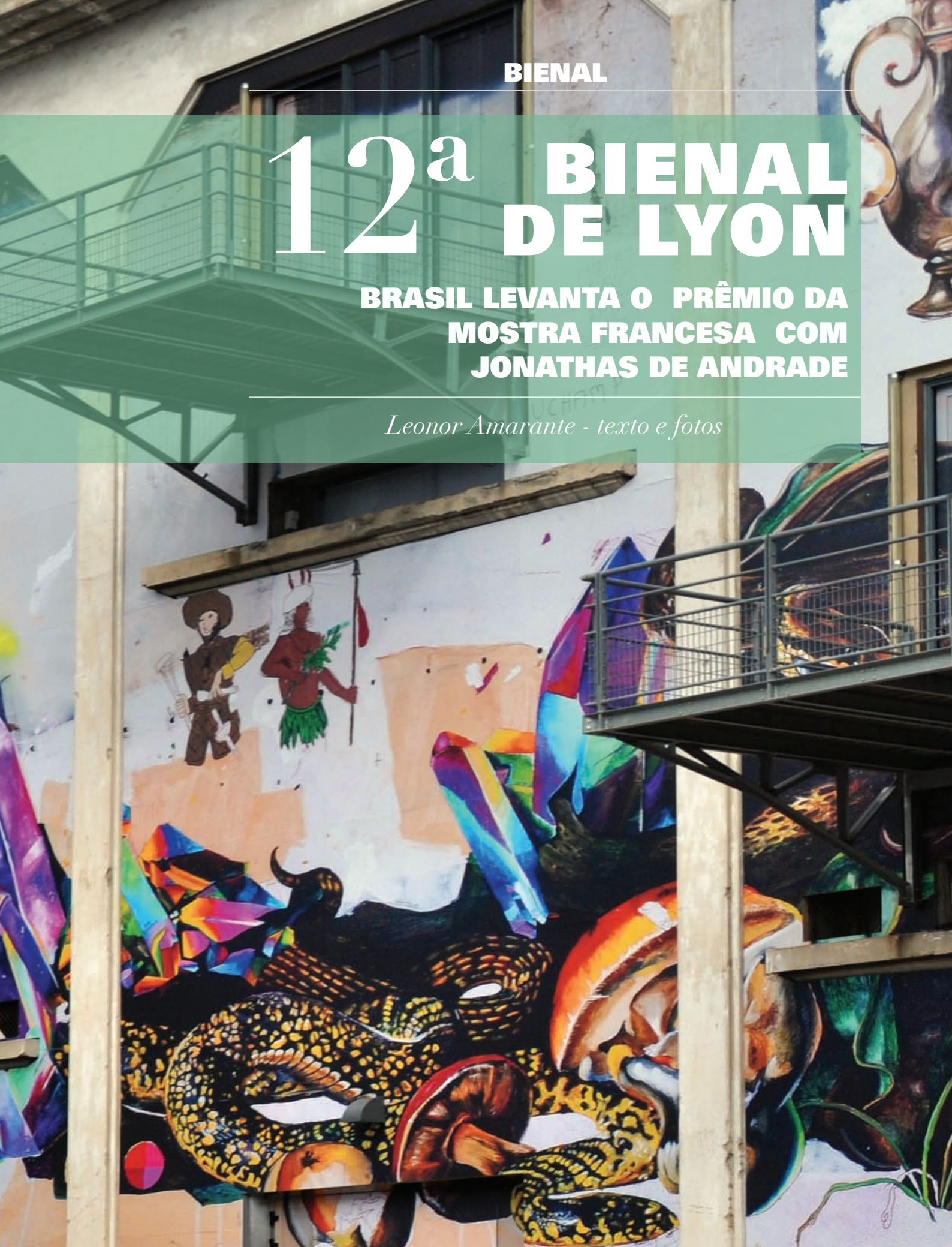
A imagem remete a Anselm Kiefer e seu trabalho sobre a memória na Alemanha pós-nazista. É visível, ao fundo, a obra do artista alemão que alude à monumental chancelaria do Reich projetada pelo arquiteto de Hitler, Albert Speer.

BIENAL

12^a BIENAL DE LYON

**BRASIL LEVANTA O PRÊMIO DA
MOSTRA FRANCESA COM
JONATHAS DE ANDRADE**

Leonor Amarante - texto e fotos





A pintura do brasileiro Paulo Nimer PJota "tropicaliza" a fachada da Sucrière, um dos cinco locais onde ocorre a Bienal de Lyon.

Poucas vezes a representação brasileira foi tão densa e coesa em uma mostra de arte internacional como nesta 12ª Bienal de Lyon, na França. A fachada da Sucrière, antiga usina de açúcar onde a vanguarda operária da cidade trabalhava em décadas passadas, ganha temperatura tropical com as pinturas do paulista Paulo Nimer PJota, as duas torres, com inscrições em francês *droite* (direita) e *gauche* (esquerda), sinalizam que há muitas obras de cunho político. A intervenção de PJota, um inventário da iconografia de São Paulo, com animais, plantas, símbolos sobre o edifício, funciona como um abre alas para tudo o que está para vir. Ele e os outros quatro artistas nacionais, além de 72 de vários países, embarcaram na proposta do curador islandês Gunnar B. Kvaran de contar histórias vividas e revertê-las em narrativas visuais de hoje. Tudo a ver. O curador nasceu na cidade de Reykjavik, terra das mitologias nórdicas e das grandes sagas islandesas. Ele deu asas à imaginação e alguns artistas acabaram por se revelarem também escritores. O tema da Bienal é *Entre-Temps... Brusquement, Et Ensuite*, trocando em miúdos seria "Conte-me uma História".

Dentro do edifício, um dos cinco locais onde a Bienal acontece até cinco de janeiro próximo, a tropicalização continua com as pinturas do maranhense Thiago Martins de Melo, as quais abordam o massacre de Carajás e a corrupção no Congresso brasileiro, e também com a instalação de Paulo Nazareth, andarilho e ex-morador de rua que vive em Belo Horizonte e refez uma rota de escravos indo a pé de Johannesburgo a Lyon.

Além disso, Nazareth fez um diário de viagem registrado no catálogo que conta a história da fazenda Curral Del Rey, antigo povoado que deu nome a Belo Horizonte, capital de Minas Ge-



Paulo Nazareth reuniu em sua instalação objetos que coletou em suas andanças da África até Lyon.

rais. Nessa fazenda, o senhor de escravo obrigava, como magia, o negro a girar em volta de um ypê até que esquecesse o caminho de casa (África) para não fugir.

Outro jovem brasileiro, Jonathas de Andrade, que vive no Recife, encantou Lyon e levou o único prêmio da mostra, ao contar a história da fabricação da *Nego Bom*, uma bala de banana produzida desde a escravidão no Nordeste. A cadeia produtiva da bala ocupa toda uma parede de mais de 10 metros da Sucrière, com fotos, textos esparsos, documentos contábeis e testemunhos de trabalhadores das usinas.

Já o carioca Gustavo Speridião, sobre uma folha de papel usado, cria sua própria história da arte a partir de um arquivo de imagens célebres de estilos e referências diferentes sobre a arte e a vida.

Na era da globalização, unir especificidades nacionais desconhecidas, como é o caso dos brasileiros, é um achado e esse é o grande trunfo de Gunnar. O curador conseguiu encontrar algumas pérolas, talvez pelo fato de ser islandês e não estar viciado nos mesmos nomes do mercado. Além disso, ele



Thierry Raspail, diretor do Museu de Arte Contemporânea de Lyon, idealizador e dirigente da Bienal de Lyon desde sua criação em 1991.



não caiu no lugar comum ao eleger três patamares inéditos para amarrar seu discurso, o primeiro formado por um tripé de peso: Errò, quadrinista, também islandês, que bem retratou a guerra do Camboja a partir de histórias contadas por sobreviventes. Alain Robbe-Grillet, nome de proa do *nouveau roman* e do cinema francês e Yoko Ono que pediu a cada amigo que contasse seu sonho de verão. O resultado dessa questão está num telão com suporte de madeira, nos fundos da Fundação Bullukian.

Para o segundo plano de seu projeto, Gunnar escolheu quinze artistas de idades intermediárias com sucesso no mercado como Jeff Koons, Matthew Barrey, Robert Gober e por último mais de 50 jovens nascidos depois de 1975, que nos contam, simultaneamente, suas histórias particulares ou engajadas em narrativas de suas criações, como o jovem japonês que nos faz sentir como se mergulhássemos no infinito, ou ainda o norte-americano Tom Sachs com seu discurso sacro profano que introduz o espectador na igreja Saint Just,

construída no ano 460, onde colocou na nave central uma réplica da caravela usada na época do descobrimento, aludindo, desse modo, à escravidão e ao poder sobre os corpos no passado e nos dias atuais. As velas cor de rosa se referem à boneca Barbie e ao uso indevido da imagem da mulher pela sociedade de consumo.

Quem está por trás de toda essa orquestração é Thierry Raspail, o dinâmico diretor do Museu de Arte Contemporânea, idealizador da Bienal de Lyon e que a dirige desde 1991. As três primeiras edições foram curadas por ele e, depois, ele convidou críticos estrelados como Harald Szeemann, Jean Hubert Martin, Catherine David, mas sem nunca deixar o posto de diretor artístico, o que quer dizer: Raspail é o cara. Alguém com quem todos dialogam, em qualquer circunstância!

Jonathas de Andrade, do Recife recebeu o único prêmio atribuído pela Bienal de Lyon, com o trabalho em que mostra a cadeia produtiva do Nego Bom, bala de banana feita no Recife desde o tempo dos escravos. Ele conta a história de um Brasil pouco conhecido e que mantém suas diferenças sociais até os dias de hoje.

Leonor Amarante é curadora e editora da revista Nossa América.

MEMORIAL

A PRAÇA DO MEMORIAL É UMA FESTA



Eduardo Rasco

O complexo arquitetônico da Fundação Memorial da América Latina foi construído em um amplo espaço de 84 mil metros quadrados, ao lado do Terminal Barra Funda do metrô, trem e ônibus urbanos e interurbanos. Por ali passam milhares de pessoas, diariamente. Como os jornais gostam de comparar, cabem nele oito campos de futebol (que têm 10 mil m² em média).

A ousada arquitetura de Oscar Niemeyer marcou para sempre a região. Os prédios curvos, como que flutuando no ar, contrastam com o vazio ao redor. Há espaço para recuo e contemplação do “espetáculo da arquitetura”, como dizia o Mestre. A esplanada de concreto criada por Niemeyer serve como uma pausa, um descanso para os olhos e para a mente de quem vive em uma



*Todos os sábados as crianças
têm encontro marcado com
os palhaços que animam a
praça durante todo o dia.*

Foto: Acervo Memorial da América Latina

cidade como São Paulo - que grita em seu trânsito caótico e nos enreda em um emaranhado de edifícios cinzentos.

Mas para quem não está acostumado a essa arquitetura, pode causar certo estranhamento. Para que servem todos esses prédios, onde é a entrada, é coisa do governo que a gente precisa temer, precisa pagar para entrar? Talvez essas perguntas voem pela cabeça de

muitas pessoas que diariamente passam rente ao Memorial para alcançar o terminal ou saindo dele em direção aos bairros da Barra Funda, Lapa, Pacaembu, Perdizes. Tem gente que nem olha ao lado, não vê a beleza do Memorial, talvez por não conseguir decifrar o que é aquilo ali.

Diante dessa realidade, era preciso abrir o Memorial não só para a



Público cativo que frequenta os eventos durante todo o ano.

população que usa o Terminal Barra Funda, mas também para a multidão que mora nos bairros afastados. Era preciso, nas palavras do cineasta João Batista de Andrade, que havia acabado de assumir a direção do Memorial, em setembro de 2012, “convidar o povo a se apropriar do que já é dele”. Não que o Memorial não tivesse público até então. Muito pelo contrário. Desde sua fundação, em 1989, o Memorial mantém uma programação cultural de alto nível, que tem atraído milhares de pessoas para shows, espetáculos de dança, teatro, exposições, oficinas, palestras e cursos. Esta missão - de promover o diálogo cultural entre as diversas manifestações artísticas dos países latino-americanos - o Memorial tem cumprido com louvor.

Era preciso ocupar a esplanada do Memorial, que é o espaço onde fica a

“Mão”, a famosa escultura de Niemeyer. Esse lugar de 30 mil metros quadrados tem um nome pomposo - Praça Cívica - e foi concebido, segundo Darcy Ribeiro, para o “encontro de multidões”. Não à toa, há um parlatório em frente ao Salão de Atos, em uma das extremidades da praça. Levando tudo isso em consideração, foi concebido um projeto - internamente chamado “Novo Memorial” - de ocupação desse espaço livre com lazer e arte, voltado para toda a família, mas especialmente o público infanto juvenil. A praça passaria a ser o coração, o sol do Memorial, em torno do qual os “planetas” culturais orbitariam, a saber, a Galeria Marta Traba, o Salão de Atos Tiradentes, a Biblioteca Latino-Americana Victor Civita, o Auditório Simón Bolívar e o Pavilhão da Criatividade Darcy Ribeiro.

Foi construído um parquinho infantil na área verde ao lado da biblioteca. Também foram instalados equipamentos de ginástica para adultos no grama-do próximo à grade. Na outra extremidade da praça, próximo ao Terminal, há árvores frondosas, debaixo das quais se colocaram mesas e bancos para piquenique. Uma linha de vaporizadores percorre o piso, a fim de refrescar o ambiente. Tendões para sombra e para eventos foram montadas aqui e ali. Pessoas que trabalham com culinária latino-americana foram convidadas a ocupar algumas tendas - saltenhas bolivianas, empanadas chilenas, tacos mexicanos... o mesmo se fez em relação a artesanato e a livros. Foram providenciados brinquedos infláveis, como piscina de bolinha, escorregador maluco e mini-campo de futebol. Profissionais de quick-massage e recreadores infantis foram contratados para participar da brincadeira. E a lona do Circo Teatro Paratodos foi instalada na praça permanentemente, sob os auspícios do hilário Palhaço Gelatina.

Com isso estava tudo pronto para a grande inauguração da nova praça do Memorial. Isso se deu durante as comemorações do 24º aniversário, no sábado, 16 de março de 2013. Desde então a praça tem recebido uma programação variada com espetáculos populares, sejam musicais, teatrais, circenses, dança, folclore, oficinas, revoadas de pipa... As atrações podem ser ao ar livre ou na barriga do circo. Milhares de famílias têm acorrido ao Memorial, as crianças descobriram um novo lugar para brincar e aprender. Essa vocação para atrair e entreter o povo, que se descortina, tem se mostrado também uma forma interessante de interessar as pessoas para as expressões culturais cultas que programam os outros espaços culturais do Memorial. Como desdobramento dessa iniciativa do Memorial, e

culminando o processo, a própria comunidade latino-americana radicada em São Paulo se organizou para também ocupar a praça. Articulados pela ONG Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante (Cdhic) e pelo site *El Guia Latino*, eles resolveram criar o Soy Latino - Festival Cultural e Gastronômico Latino - Americano. Durante todo o sábado, 26 de outubro, o Soy Latino desfilou o orgulho vivo de ser latino-americano e ter se integrado na metrópole paulistana, sem perder a identidade. Grupos folclóricos como Peru Inka, Unión Cultural Corazón Peruano, Chile Lindo, Acuarela Guarani, Dança Afro-Cubana se revezaram com músicos caribenhos contemporâneos, como a banda de salsa, o Grupo Ares, o Reggaeton Senhorita Toretto, e os DJs Julio Maracen, Tide Cuacharaca Club, Pancho, Bruno Gardelha, entre outras atrações.

Também foram preparadas delícias do Peru, México, Chile, Bolívia, Colômbia e Argentina - *ceviches, arepas, patacones, tequeños, burritos, tortillas, taco gringo, pollada, tamalles, anticuchos, mazamorra, tora limenba*; entre as bebidas, *pisco sower, rapadilha, margarita, mojito, sangria, chica morada*... Era de dar água na boca. O mais legal foi a interação com as crianças, mães e pais brasileiros que já formam o público regular da Praça do Memorial. Ficou patente que pertencem a culturas muito próximas, com formação semelhante, mas que ao mesmo tempo cada uma tem muito a acrescentar à outra. Essa interação lúdica, artística, gastronômica, vivencial - cultural, em uma palavra - está apenas começando. É o Memorial cada vez mais aberto aos povos da América Latina, inclusive o brasileiro.

Eduardo Rascov é jornalista e editor do site do Memorial da América Latina.

MANIAS DE VOCÊ

Daniel Pereira

Se há um defeito que paulistano não tem, definitivamente, é o tal complexo de vira-latas que o jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues cunhou para expressar o atávico hábito de inferioridade do brasileiro diante do resto do mundo.

Para não embaçar: paulistano tem um baita orgulho da sua loucura urbana e é visceralmente cúmplice das causas e efeitos das metamorfoses de sua cidade. A bem da verdade, antes e acima de tudo, é preciso dizer que o paulistano carrega no seu DNA social uma característica que o distingue dos demais cidadãos do mundo: a mania de grandeza.

Com quantos adjetivos se define uma cidade como São Paulo? Sui-generis? Curiosa? Polifônica? Multitentacular? Desmemoriada? Cafona? Engessada? Sexy? Vanguardista... Os poetas, de Mário de Andrade a Caetano Veloso, gastaram o possível em criatividade para exaltá-la. O pai do concretismo, Haroldo de Campos, comparava São Paulo a um...palimpsesto. (Pa-



pel que os gregos usavam para escrever. Como havia escassez, apagava-se o escrito para ser reusado e assim por diante). O poeta falava do caráter de permanente metamorfose da cidade.

Concreto mesmo hoje, grande e saudoso Haroldo, é o seguinte: seja da perifa, bambambã dos jardins, socialite ou periguete, paulistano (a) bate no peito e se ufana de morar na maior cidade da América Latina por razões que a própria razão desdenha.

Mas, acredite, ele não faz isso por soberba, narcisismo ou para estabelecer o reverso do complexo de vira-latas. Nem por instinto de sobrevivência. Muito menos para forjar um estereótipo. Os paulistanos têm ene pretextos para comemorar o aniversário de São Paulo a qualquer dia do ano, na laje ou na cobertura, nos bares e nas praças, na alegria ou na tristeza. Alguns desses pretextos – em forma de números e imagens – é o que Nossa América oferece à leitura nessa edição especial para celebrar a São Paulo dos 460 anos. Cheers!

Em tempos de globalização da informação é inadmissível conceber alguém do primeiro mundo tão desconectado da realidade, a ponto de não saber que São Paulo é maior do que Nova York. Pombas! Talvez tenha sido exceção, mas, foi o que aconteceu com a ilustre (sic!) cantora francesa Berry, quando esteve aqui em 2011. “Eu acabo de vir dos Estados Unidos, e só quando cheguei a São Paulo que percebi que, meu Deus, aqui é maior que Nova York! É uma cidade muito interessante”.

Surpreendente! Esse sim pode ser o adjetivo que melhor identifique São Paulo, seja para o paulistano nativo ou para quem tenha vindo de Porangaba, no interior paulista, de Beagá, da Chechenia, do Vietnã ou de Maranguape, de onde migrou o cearense Chico Anysio. Pois Chico, que fazia chistes e blagues com paulistas, cariocas, xiitas e nordestinos, e por todos era respeitado, passou uns tempos em Nova York, quando esteve casado com a ex-ministra Zélia Cardoso.

Quando voltou, disse, numa entrevista, que Nova York é o único lugar do mundo em que o sujeito pode parar em qualquer esquina e ficar ali, falando mal da cidade, que ninguém aparece para defendê-la. “As pessoas nascem em outras cidades, outros países, e depois vão morar em NY. Só Woody Allen nasceu lá”, espicou Chico que, mesmo sem ter citado o nome de São Paulo, deixou bem claro que não há como comparar as duas metrópoles. Aliás, segundo o publicitário Washington Olivetto, essa pretensa comparação é coisa de carioca.

Pelo menos no aspecto a que se referiu Chico, paulistano não tem nada a ver com nova-iorquino. Não, mesmo! Em São Paulo não haveria a menor possibilidade de aquela cena ter o mesmo final. Imagine, por exemplo, que o dis-

tinto amigo seja o personagem da estorinha do Chico e fique plantado na esquina das avenidas Ipiranga com São João (e ali alguma coisa sempre acontece!). Aí, começa a meter a boca em uma das instituições sagradas do paulistano – no time de futebol que odeia (provavelmente o Corinthians), na estátua do Borba Gato (que, cá entre nós, é horrorosa, mesmo) no Minhocão (obra do Maluf, lembram dele?), na pizza do Bixiga, no nosso samba (eis um capítulo à parte) na avenida Paulista...e até no poluído rio Tietê...enfim.

A menos que você seja excelente ator (nesse caso necessariamente precisa ter DNA paulistano, orra, meu!) e convencer a distinta plateia de que tudo não passa de pegadinha – *sketch* em que proliferam os talentos da TV em Sampa – o resultado não será dos melhores para sua saúde. Mas, anime-se, você terá oportunidade de conhecer os maiores e melhores hospitais da América Latina, para onde acorrem desde políticos de Brasília que não querem desaparecer do osso, bem como chefes de governo de *nuestra América*.

Borba Gato :
monumento kitsch.



Foto: RCarrelli



A mais famosa esquina de São Paulo tem inspirado poetas e compositores ao longo de décadas.



Comparada a Nova York por sua arquitetura, movimentação turística comercial e vida noturna, São Paulo é a quinta maior cidade do planeta.

Os dados mais recentes do Ibge, divulgados na virada do semestre de 2013, indicam que a cidade de São Paulo tem 11,8 milhões de habitantes que vivem numa área de 1.521.101 km². A população aqui é maior do que a de 23 estados brasileiros. A capital só não tem mais gente do que os estados de SP, RJ, Minas e Bahia. É a cidade mais populosa das Américas e a sexta do mundo, atrás de Xangai, Bombaim, Karachi, Deli e Istambul.

Esses números, porém, não passam de referências geográficas que servem apenas para confirmar o desvairado gigantismo dessa pauliceia que Mário de Andrade antevia em seus devaneios futuristas. O poeta viveu pouco para ver que, noventa e quatro anos depois, as opiniões dos urbanistas – sem ir ao mérito – São Paulo adicionou ao seu perfil a essência da metrópole seminal que diz ao coração de qualquer um que aqui chegue e, como aquela francesinha cantante, seja pego pela surpresa do inesperado.

Surpresa que pode vir do alto, de onde a vastidão do horizonte proporciona os mais diferentes formatos de visão e, de quebra, agiliza o ir e vir dos apressados homens de negócios da metrópole, alguns deles expressivos representantes do PIB paulistano. Sim, porque é pelos céus de São Paulo que hoje trafega a maior frota de helicópteros do mundo, o mais recente indicador da megalomaniaca metrópole. É a capital mundial dos helicópteros. Desde o final de 2012, cerca de 470 aeronaves fazem média de 2.200 operações de pouso e decolagem nos 193 helipontos autorizados da cidade. É mais do que o dobro da frota de Nova York, que por muitos anos liderou esse ranking. Com tanta demanda é de supor que logo esse serviço de transporte terá os mesmos e conhecidos problemas do trânsito ter-

restre, ainda mais com a proximidade de grandes eventos como a Copa do Mundo e a Expo 2020.

A economia tem pressa sim e São Paulo não pode parar. *Non ducor, duco*, recomenda o brasão da cidade. “Não sou conduzido, conduzo”, está lá, na bandeira de São Paulo, que, na linguagem do economês informa, por exemplo, que o Produto Interno Bruto (PIB) – soma dos bens e serviços produzidos em determinada região – da capital paulista é o segundo do Brasil, com R\$ 450 bi, atrás apenas do próprio estado de SP. Fica em quinto na América Latina e, fosse país, seria o 36º do mundo. O prefeito que assumiu no início de 2013 administrou orçamento de 42 bilhões de reais. Terá cerca de R\$ 50 bi em 2014, quase 25%.

O que faz girar esse monumental caleidoscópio de negócios? As respostas estão no fantástico movimento de segmentos fundamentais como turismo, feiras, eventos, hotelaria, gastronomia, transportes, cultura, lazer, esportes e todas as atividades secundárias e terciárias dessa máquina de economia. Imagine mais de 42 milhões de passageiros transitando pelos aeroportos internacionais de Congonhas e Guarulhos. Em 2012, cerca de 13 milhões de pessoas visitaram São Paulo a passeio, lazer, turismo e negócios.

A frota de helicópteros de São Paulo é a maior do mundo.



Foto: André Bonacin



*Vista aérea de São Paulo
com o edifício Copan e
Terraço Itália.*



*Aeroporto de Congonhas
construído na década
de 50, mantém um
movimento diário de cerca
32.000 passageiros.*

3

&

4

A Copa do Mundo será o principal evento paulistano de 2014. A abertura, na Arena Corinthians – só ali investimentos de quase 2 bilhões entre a construção do estádio e as obras de mobilidade urbana - gera expectativas à parte. A organização do maior evento esportivo do planeta trabalha com perspectivas otimistas, partindo da previsão de que o número de turistas estrangeiros em São Paulo cresça pelo menos 10% em relação a 2013.

Para isso, a SPTuris acaba de ser transformada em secretaria especial no organograma da prefeitura, com a missão de confirmar a previsão de seu presidente, Marcelo Rehder, segundo a qual a cidade deve receber 15 milhões de visitantes em 2014. Ele não disse, mas é óbvio que, nessa projeção, incluem-se participantes de eventos como a Virada Cultural, a Parada Gay, o Réveillon na Paulista – que, somados, atraíram cerca de 10 milhões de pessoas nos últimos anos. Além dessas, há outras atrações como o GP Brasil de Fórmula 1, o Carnaval, a SP Fashion Week – apenas para ficar nesses – que sempre trazem expressivo público.

Como capital sul-americana das feiras de negócios, São Paulo realiza 90 mil eventos por ano. Isso significa, entre dados relevantes: 72% do mercado brasileiro, R\$ 2,9 bilhões de receita/ano, US\$ 850 milhões em viagens e afins, um evento a cada 6 minutos, uma feira a cada três dias. O Anhembi, com 400 mil m² é o maior complexo de eventos da América Latina. Nos mais importantes, circulam por ali cerca de 4 milhões de pessoas, entre profissionais e compradores.

A mobilidade urbana tem sido a pedra de toque das recentes administrações paulistanas. A leitura dos movimentos deflagrados em 2013 deixou claro que São Paulo precisa se desconectar de certos avatares e mimetismos para não ficar presa a maniqueísmos e jogos demagógicos que estão na contramão

do interesse dos paulistanos.

A questão do transporte está no topo das preocupações. Afinal, são 7 milhões de automóveis pelas ruas da cidade, 190 mil caminhões, 15 mil ônibus urbanos, 33 mil táxis. Metrô e trens transportam 7,2 milhões de passageiros/dia. Aliás, aqui está - para não dizer que paulistano é ser único - um raro índice em que São Paulo não predomina: nosso metrô é apenas o 37º do mundo. O maior, e mais antigo, é o de Londres, que tem 150 anos. Só uma de suas linhas supera em extensão toda a malha do metrô de São Paulo, que tem 74,3 km. Nem tudo é perfeito, não é mesmo?

Urbanistas, arquitetos, antropólogos, políticos, jornalistas – todo mundo já pretendeu explicar São Paulo, em debates de bienais e fóruns que no final das contas são transformados em belas obras literárias mas, ou não trazem conclusões objetivas, ou acabam mofando nas gavetas da burocracia dos gestores públicos. Teorias do caos, extremos e contrastes...Um desses exegetas da área de comunicação, postado no conforto de seu gabinete, disse, *tempus fugit*, que “São Paulo é reflexo de seus erros e do desastre social brasileiro, marcado pela má distribuição de renda”. Descobriu a pólvora!

Exemplo fresquinho de propostas para a problemática das cidades-capitais acaba de ser exposto nas ruas do centro velho de São Paulo: a 10ª Bienal de Arquitetura e Urbanismo, com a curadoria-mór de Guilherme Wisnik, a quem se deve tirar o chapéu por ser um profissional competente e zeloso. Mas, pá, se a retórica é boa, na prática quase nunca cola. Então, por que não cooptar lições de Bogotá, aqui ao lado, que promoveu reforma urbanística tão expressiva mesmo sendo a capital de um país marcado pela violência do narcotráfico como a Colômbia?

A história é velha. Mas não se

trata de requestrar defuntos ilustres. Ainda hoje Vinicius de Moraes, agora centenário, é atacado por ter dito que São Paulo é o túmulo do samba – desabafo que fez numa roda de uísque em uma boate de São Paulo ao amigo Johnny Alf, a quem queria convencer que voltasse para o Rio de Janeiro. Esse era o mote.

Tenho versão inédita e pessoal da boca de Adoniran Barbosa, que desmente opiniões veiculadas pela imprensa, segundo as quais ele teria sido o destinatário do recado de Vinicius.

Fato: ano de 1974, eu recém-chego ao jornal *O Estado de S. Paulo*, então na rua Major Quedinho, onde também funcionavam o estúdio e a Rádio Eldorado, de saudosa memória. Ali havia um aconchegante sofá cinza onde Adoniran quase sempre ia tirar uma soneca depois do almoço. Já nos conhecíamos, de relance, por uma cachacinha aqui e ali no Mutamba, o bar frequentado por 11 dos dez jornalistas da área.

Caipira, vindo do interior, tinha na bagagem a monografia para um concurso de MPB, em que citei, de passagem, a tal história do túmulo do samba. E agora, ali na minha frente, tinha a oportunidade de checar aquela história. Numa daquelas tardes, suplantada a tremedeira, plantei-me ao lado do sofá e esperei o seu João Rubinato acordar – o cara roncava firme em cima daquele bigodinho. Sem meneios, fui direto. E ele, mais ainda, respondeu com a voz rouquenta que todos conhecem: “Menino, deixa de bobagem...isso é intriga da oposição!”. Ajeitou o chapéu e foi. Era mesmo. Haja intriga. Tanto que, só para ficar no camarote, caras como Ruy Castro e Assis Ângelo destrincharam o assunto catedraticamente e puseram uma pá de cal esclarecedora a respeito. Mais do que isso, que venham e contem.

Daniel Pereira é jornalista, escritor e assessor de imprensa do Memorial da América Latina.



Arena Corinthians.



Parada Gay.



Rua 25 de Março.



Autódromo de Interlagos.

Foto: Fernanda Monteiro

Foto: Marcelo Camargo/ABr

Foto: Getty Images

“

Foto: Divulgação



“São Paulo é como uma mulher madura e inquieta. Um dia se sente feia, no outro bonita, mas está sempre segura da sua inteligência e poder de sedução.”

(Marcelo Tas, apresentador)

Foto: Divulgação



“Errar é humano, mas morar em São Paulo só pode ser coisa de brasileiro.”

(Ivan Lessa, jornalista)

Foto: Divulgação



“São Paulo é por onde a gente respira. Apesar da poluição.”

(Fernando Gabeira, político)

Foto: Ag/News



“São Paulo é a única cidade do Brasil que leva macarrão a sério. Paulista chupa espagete sem fazer barulho!”

(José Simão, jornalista)

Foto: Tobias Hase/EPA



“É um grande lugar, muito cosmopolitano, europeu. Mas também é uma cidade louca do futebol, com os times que estão lá.”

(Jurgen Klinsmann, técnico da seleção de futebol dos EUA)

Foto: Paulo Fridman



“São Paulo tem o espírito de luta e conquista dos antigos bandeirantes. É uma cidade que valoriza o trabalho e não quer nada de graça.”

(Antonio Ermírio de Moraes, empresário)

“São Paulo recebe terráqueos de todas as partes do universo. Quem sobrevive em Sampa tira Bagdá de letra. É uma cidade tão caótica quanto eu (...)”

(Rita Lee, cantora)



Foto: Divulgação

“A dança das Paraolimpíadas se chama capoeira e a cocaína se chama *brunch* (lanche entre o café da manhã e o almoço).”

(Chael Sonnen, lutador de MMA)



Foto: Divulgação

“Pensei que São Paulo fosse mais moderna. Os Jardins me lembram os subúrbios de Los Angeles.”

(Susan Sontag, escritora)



Foto: Divulgação

“São Paulo é diferente. A mim me pareceu do Primeiro Mundo. Ainda se pode viver sem o governo federal em São Paulo. Este é o segredo da cidade, do Estado.”

(Paulo Francis, jornalista)



Foto: Divulgação

“Em São Paulo, a pessoa pode nunca ter visto um pobre. O pobre daqui vai no ônibus quietinho, olhando pra baixo. Lá no Rio, todo neguinho é abusado.”

(Regina Casé, apresentadora)



Foto: Divulgação

“Ser filho de São Paulo é a mesma coisa que ser filho de uma puta. Ela dá para todo mundo, a gente se envergonha, mas mesmo assim a ama perdidamente”

(Julio Medaglia, maestro)



Foto: Divulgação



ACORDES PARA SÃO PAULO

A CIDADE SEDUZ GRANDES POETAS

Luís Avelima

A alma de uma cidade é cantada em verso e prosa. São sons, sanções da música e da poesia que flui e se fixa no imaginário de quem nela vive. São Paulo está entre as cidades mais cantadas em todo o mundo e não são poucos os poetas e compositores que têm a cidade como musa inspiradora: os que nela nasceram, os que chegaram em busca do sonho, os que a adotaram e com ela cantam a eterna ladainha da vida. E de canto em canto as pesquisas registram quase três mil composições musicais tendo a cidade como tema: bairros (o Hino nacional, por exemplo), edifícios, parques, favelas, tragédias, sua própria gente diuturna, seus poetas, camelôs, operários, uma turba que faz e refaz o universo daquela que está entre as que mais crescem no mundo. E se pararmos para computar os poemas propriamente ditos, com sua musicalidade própria, o número vai longe. Lembremos de Mário de Andrade, Afonso Schmidt, Manuel

Baptista Cepellos, Cassiano Ricardo, Paulo Setúbal, Geraldo Vidigal e até mesmo este que ora lhes escreve.

A história nos conta que já em 1750 os religiosos Calixto e Anchieta Arzão compuseram a *Missa a São Paulo*, cuja partitura, segundo o paraibano Assis Ângelo, foi recuperada e gravada pela primeira vez em 1970, sob a regência de Júlio Medaglia. Também em 1823 surge a composição de Bento Mauricio Arcade *Águas do Anhembi*, inspirada no rio que corre e morre e ressurgue feito Fênix para desaguar no majestoso Paraná.

O jornal *Correio Paulistano* de 6 de agosto de 1862 noticiava o lançamento do álbum *Melodias Paulistanas*: doze peças para canto e piano, autoria do padre Mamede José Gomes, então diretor do Liceu Paulistano. Em 1902 Chiquinha Gonzaga compõe o tango *São Paulo* e a partir daí as citações não param mais. Aos 15 anos de idade

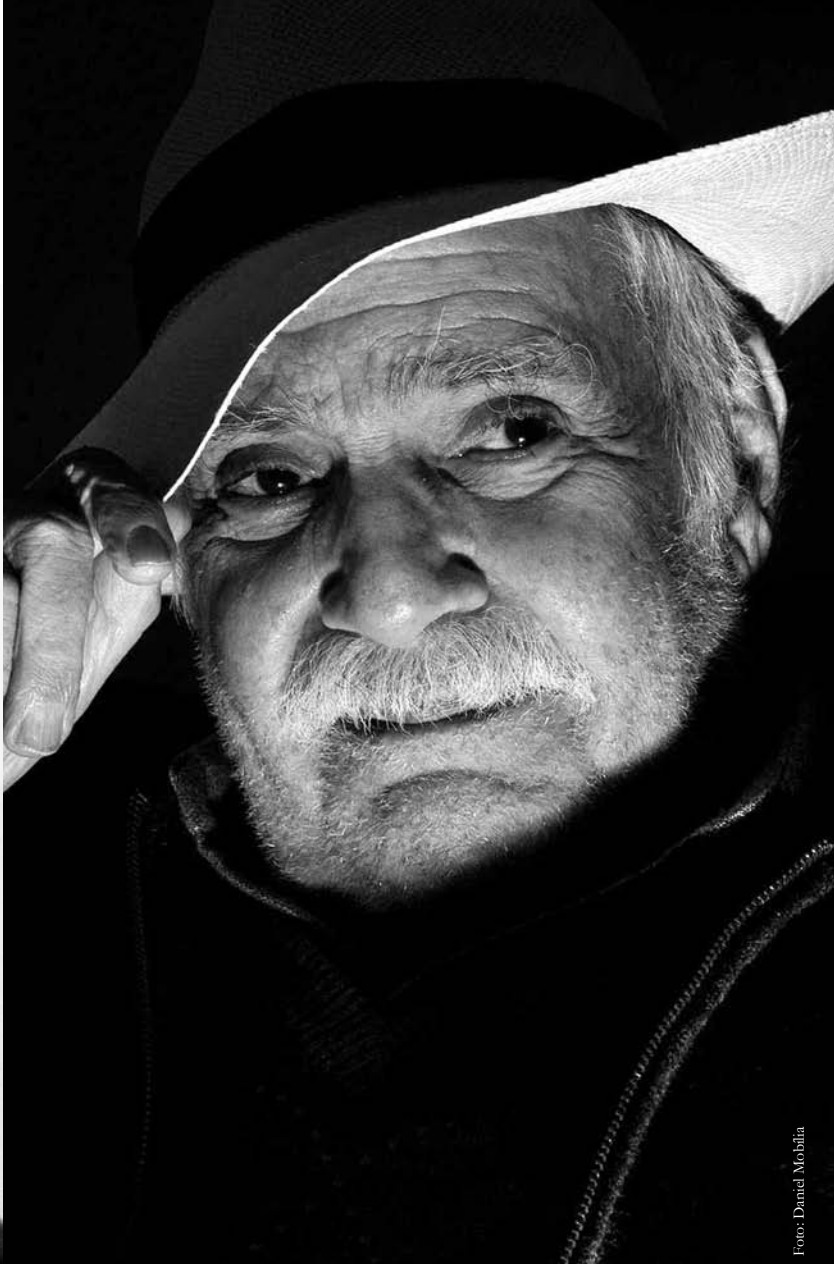


Foto: Daniel Mollia

(1917), Alberto Marino compõe *Rapaziada do Brás*, valsa choro registrada apenas em 1927 em solo de violino pelo próprio autor, e somente em 1960 recebia letra de seu filho, Alberto Marino Jr, gravada por Carlos Galhardo. Essas composições se abrem à saudade, ao encantamento, à sofreguidão dos dias paulistanos, da cidade que não dorme, que espreita pelas esquinas, em cada boteco, a cidade que trabalha sem parar, que fala com sotaque forte, característico, “tanta cidade morando em meu coração”, tanta cidade cujos olhares das fechaduras rabiscam a vida dos que

passam para viver e morrer. Lamartine Babo (*São Paulo*), Zica Bergami (*Lampião de Gás*), Billy Blanco (*Paulistana – retrato de uma cidade*), Paulo Vanzolini (*Ronda*), Tito Madi/Berimbau (*Tanta Cidade*), Adoniran Barbosa (*Trem das Onze e Saudosa Maloca*), Geraldo Filme (*São Paulo Menino Grande*), Marcelo Tupinambá (*São Paulo Futuro*), Hervê Cordovil (*Rua Augusta*), Silas de Oliveira (*São Paulo, chapadão da Glória*), *Luar de Vila Sônia* (Paulo Miranda, prisioneiro da Detenção de São Paulo por um assalto a mão armada, cuja música fez sucesso na voz de Tito Martines, em 1961, com trecho recitado

Tom Zé e Paulo Vanzolini, dois apaixonados pela cidade.



por Moraes Sarmiento) e uma geração que surge nos anos 60/70 como Tom Zé (*São Paulo, meu amor*), Caetano Veloso (*Sampa*), Laércio de Freitas (*Sumaré Pompeia*), Eduardo Gudin/Costa Neto (*Paulista*), Carlinhos Vergueiro/ J.Petronilo (*Noturno Paulistano*), enfim, é difícil enumerar em tão escassas linhas as cercas de três mil composições feitas que englobam todos os gêneros imagináveis.

Nessas composições pinçamos trechos que calam fundo na alma paulistana: "A noite tenebrosa dos fantasmas, a escuridão da lei privando-me do luar perfumado e encantador de Vila Sônia." (*Luar de Vila Sonia*, Paulo Miranda); "São oito milhões de habitantes, de todo canto e nação, que se agridem cortesmente, correndo a todo vapor, e amando com todo ódio se odeiam com todo amor" (*São Paulo, meu amor*, Tom Zé); "é sempre lindo andar, na cidade de São Paulo (...) a japonesa loura, a nordestina moura de São Paulo" (*Pre-meditando o Breque*); "Lembrar, deixe-me

lembrar, meus tempos de rapaz, no Brás. As noites de serestas, casais enamorados, e as cordas de um violão, cantando em tom plangente, aqueles ternos madrigais" (*Rapaziada do Brás*, Alberto Marino).

E pontuando este texto, é curioso verificar que Vinicius de Moraes, autor da triste frase de que São Paulo era o túmulo do samba, compõe, muito antes, em parceria com Antônio Maria, o *Dobrado de amor a São Paulo*, gravada em 1954 por Aracy de Almeida e Orquestra Tabajara", ano do IV Centenário: "São Paulo, quatrocentos anos/E eu, coitada/Quatrocentos desenganos de amor...(...) Chuva, garoa, ventania/Troca a noite pelo dia/O tempo passa devagar/sinto um bem-estar no coração/Vem o dia/e o sol me encontra/na avenida São João".

Luís Avelima é jornalista, tradutor e poeta.

LITERATURA EM DEBATE NA FEIRA DE FRANKFURT

Reynaldo Damazio

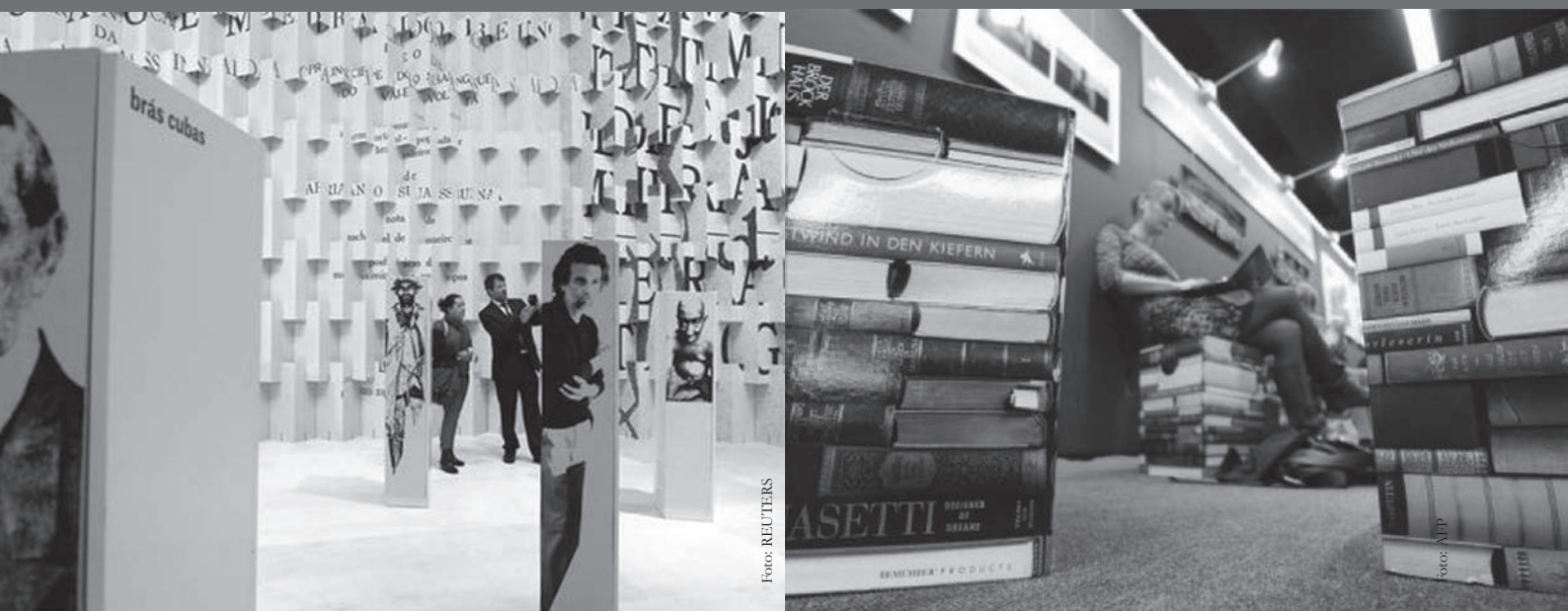
O Brasil foi o país homenageado na Feira de Frankfurt deste ano, resultado de três anos de intensos preparativos e investimentos públicos de R\$ 18 milhões, incluindo a viagem à Alemanha de uma delegação de 70 escritores, de diversos gêneros e estilos. De saída, a escolha dos autores causou polêmica, criticada por supostas ausências, ou pelos critérios que teriam sido adotados pela curadoria. O escritor Paulo Coelho se recusou participar da feira, alegando discordância com a lista de escritores convidados.

Segundo o jornalista Manuel da Costa Pinto, um dos curadores da comissão brasileira para a Feira de Frankfurt, a escolha dos escritores “foi democrática, sem privilegiar grupos ou tendências, e procurou ser representativa da produção contemporânea, mesclando autores consagrados e outros que estão consolidando suas carreiras, levando em conta critérios estéticos e de mercado”.

A relação da lista de escritores com o mercado editorial, na opinião de Costa Pinto, tem mais a ver com a questão dos gêneros e de sua inserção no meio literário, do que por motivo de venda e marketing. Nesse sentido, o número de romancistas foi maior que o de poetas. Além dos autores de ficção, incluindo os de literatura infanto-juvenil, também foram convidados críticos, ensaístas, historiadores, jornalistas e representantes de história em quadrinhos.

“Entre os convidados estão intelectuais de competência e reconhecimento público inquestionáveis, como Flora Sussekind, Luiz Costa Lima e Maria Esther Maciel”, argumenta o curador. Também fez parte da comitiva um representante ilustre da comunidade indígena, o escritor Daniel Manduruku.

Na abertura da Feira, o escritor mineiro Luiz Ruffato fez um discurso contundente sobre as desigualdades históricas na formação da sociedade brasileira e do papel do escritor e da



literatura na realidade do país. "O que significa ser escritor num país situado na periferia do mundo, um lugar onde o termo capitalismo selvagem definitivamente não é uma metáfora? Para mim, escrever é compromisso. Não há como renunciar ao fato de habitar os limiares do século XXI, de escrever em português, de viver em um território chamado Brasil. Fala-se em globalização, mas as fronteiras caíram para as mercadorias, não para o trânsito das pessoas. Proclamar nossa singularidade é uma forma de resistir à tentativa autoritária de aplinar as diferenças", afirmou o escritor.

A fala recebeu aplausos entusiasmados da plateia alemã, mas também foi duramente criticada nas redes sociais e na imprensa por instituições conservadoras. Reclamações de teor rancoroso, cobrando do escritor uma visão ufanista do Brasil e de sua história, como se o que

importasse mesmo fossem as belezas naturais, o turismo e a Copa do Mundo.

A ministra da Cultura Marta Suplicy argumentou que Ruffato se deteve apenas nos aspectos negativos da realidade brasileira e que poderia ter abordado nossas qualidades. Respondendo ainda aos comentários de que só havia um escritor negro na comitiva, Paulo Lins, autor de *Cidade de Deus*, Marta esclareceu que o critério de escolha "não foi étnico", e acrescentou: "O primeiro era a qualidade estética, depois autores que tivessem livros traduzidos para o alemão e língua estrangeira. A Feira de Frankfurt é uma feira comercial e nós temos que dar prioridade a quem já está lá e vai poder se colocar também pela diversidade".

Na contramão do nacionalismo e do marketing, Ruffato fez um depoimento que revela com honestidade um



BOOKS AND RIGHTS CATALOGUE

BRAZIL
2013

país que muitos não querem encarar. “Em nossos tempos, de exacerbado apego ao narcisismo e extremado culto ao individualismo, aquele que nos é estranho, e que por isso deveria nos despertar o fascínio pelo reconhecimento mútuo, mais que nunca tem sido visto como o que nos ameaça. Voltamos as costas ao outro – seja ele o imigrante, o pobre, o negro, o indígena, a mulher, o homossexual – como tentativa de nos preservar, esquecendo que assim implodimos a nossa própria condição de existir. Sucumbimos à solidão e ao egoísmo e nos negamos a nós mesmos. Para me contrapor a isso escrevo: quero afetar o leitor, modificá-lo, para transformar o mundo. Trata-se de uma utopia, eu sei, mas me alimento de utopias”, concluiu.

É certo que a Feira de Frankfurt tem um caráter mais comercial do que

estético, não há venda de livros, nem visita de público, mas encontro de agentes literários, editores e autores. Trata-se de um evento de compra de direitos autorais. No entanto, funciona igualmente como uma grande vitrine da cultura do país homenageado, afinal foi montando um estande de três mil metros quadrados com informações sobre a cultura e a literatura do Brasil, criado por Daniela Thomas, além de conferências, debates e leituras com os escritores convidados. “Todos os vetores de nossa produção estão representados na feira, como amostragem significativa de tendências, mas sem a pretensão de ser definitiva”, explica o curador.

Reynaldo Damázio é jornalista, sociólogo, poeta e autor do livro Horas Perplexas.

ABRE AS ASAS SOBRE NÓS

**TAMBÉM OS ARTISTAS ESCREVEM
DIREITO POR LINHAS TORTAS**

Joaquim Maria Botelho

A posição inflexível, depois flexibilizada e novamente tornada inflexível do grupo Procure Saber, onde moram os nossos ídolos que ainda não morreram, serviu para chamar a atenção da população para a importância da liberdade de expressão, bem que nos foi tomado por pessoas contra quem nossos ídolos lutavam, há um tempo histórico não muito distante.

Vou recomendar de outro jeito. Em 2011, a UBE (União Brasileira de Escritores) realizou o Congresso Brasileiro de Escritores em Ribeirão Preto. Entre as discussões, uma delas teve destaque: os escritores estavam informados com a exigência legal de que uma biografia só podia ser publicada e distribuída se obtivesse o consentimento do biografado ou de seus herdeiros. O Código Civil mantém, ainda, esse mandamento, que conflita flagrantemente com o artigo 5º da Constituição Federal. Participaram dos debates Fernando Moraes, Audálio Dantas, Alaor Barbosa e o deputado Newton Lima, autor do projeto de lei que propõe alterar os artigos 20 e 21 do Código Civil para fazer valer a liberdade de expressão e derrubar o

resquício de censura alojado em nossa legislação. A UBE procurou divulgar as conclusões do debate, mas não encontrou grande guarida na imprensa. No entanto, o próprio grupo Procure Saber conseguiu fazer o assunto ressurgir, repercutindo falas que se ergueram durante a Feira do Livro de Frankfurt, no início deste outubro.

Uma voz nos fez justiça. No início do mesmo outubro, o deputado Newton Lima participou de um evento em Ribeirão Preto e foi chamado a discursar. O destaque de seu pronunciamento foi, quase *ipsis litteris*, este: “Tudo começou aqui, nesta cidade, com o debate que a UBE organizou, durante o Congresso Brasileiro de Escritores de 2011”. Lima lembrou que a conclusão consensual do nosso Congresso foi de que a biografia, como qualquer peça de produção literária, deve ser defendida como manifestação cultural e como direito de expressão. O leitor não é retardado, e vai discernir. Se houver erros, existem recursos legais para serem usados como instrumento de correção e punição. Proibir não.

Aí está. Um artista – ou político,

“Se Hitler tivesse deixado herdeiros, esses certamente teriam proibido que fosse publicada uma biografia do líder nazista, e a humanidade não teria clareza a respeito da vida e dos crimes desse personagem nefasto da História.”



ou qualquer outra notória pessoa, cujos atos e fatos influenciam, para o bem ou para o mal, multidões – deve ser conhecido pelo que faz ou fez, e não pelo que diz que faz ou fez. Vamos falar de um caso extremo: se Hitler tivesse deixado herdeiros, esses certamente teriam proibido que fosse publicada uma biografia do líder nazista, e a humanidade não teria clareza a respeito da vida e dos crimes desse personagem nefasto da História. Ora, se todas as biografias tivessem que ser autorizadas pelo biografado ou por seus herdeiros, que possivelmente permitiriam apenas as exaltações e laudatórios, teríamos uma versão muito estranha da História do mundo. Napoleão teria sido bondoso governante, Átila um bravo, Lampião um pacífico Robin Hood que bordava e George W. Bush um benemérito da paz mundial.

Vamos a um caso mais ameno: se os herdeiros de Hemingway tivessem entrado com ação na justiça contra os biógrafos, conheceríamos o escritor apenas pelo que ele próprio escreveu, e a análise contextualizada da sua obra, que passa pelo conhecimento da sua história

e da sua personalidade, como pontifica Antonio Candido, ficaria prejudicada.

Vamos a um caso real: nosso associado Alaor Barbosa escreveu Sinfonia das Geraís – a Vida e a Literatura de João Guimarães Rosa (LGE Editora, 2008). O livro foi retirado de circulação pelo juiz da 24ª Vara Cível do Rio de Janeiro, atendendo a ação movida por Vilma Guimarães Rosa, filha e sucessora, e pela editora de Rosa, a Nova Fronteira, alegando incorreções e erros do biógrafo. Recentemente, a Justiça deu ganho de causa a Alaor Barbosa, que representará a UBE, neste novembro de 2013, na audiência pública convocada pelo STF para discutir a constitucionalidade dos artigos 20 e 21 do Código Civil.

Gabriel García Márquez falava de “um senhor muito velho, de asas enormes”, caído de borco na lama. Uma visão aflitiva, porque, de alguém com asas, espera-se que voe, e não que fique pregado ao chão.

Tomara que a liberdade estenda sobre nós as suas asas, e que o certo seja escrito, ainda que por linhas tortas.

Joaquim Maria Botelho, presidente da UBE – União Brasileira de Escritores.

FUTEBOL



Foto: Getty Images

O goleiro brasileiro Barbosa sofre o gol do uruguaio Ghiggia na final da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã.

DUAS CARTAS PARA GERALDINO

José Roberto Torero



Os brasileiros Chico, Ademir, Zizinho e Maneca comemorando gol contra a Suécia no quadrangular final.

Rio de Janeiro, 13 de abril de 1950

Meu querido filho Geraldino, sei que você é muito pequeno e ainda não conhece as letras, mas mando esta carta porque sua mãe pode lê-la para você. E uma carta sempre pode ser uma bela recordação.

Estou aqui no Rio de Janeiro trabalhando para acabar a construção de um grande estádio de futebol. Ele será o maior do mundo, com capacidade para quase 200 mil pessoas, e vai se chamar Jornalista Mário Filho. Mas o pessoal já botou o apelido de Maracanã. Ele está sendo construído para a Copa do Mundo, que vai ser aqui no Brasil. Copa do Mundo é como se fosse uma guerra mundial, só que em vez de exércitos usam times de futebol. Nós nunca ganhamos uma Copa, mas esta é a nossa grande chance. A torcida está animadíssima e só se fala nisso pelas ruas.

Aliás, construíram outro estádio para a Copa, lá em Belo Horizonte. Ele se chama Independência e pertence ao Sete de Setembro Futebol Clube, um simpático clube mineiro que certamente terá uma longa história. Estes estádios pareciam que jamais ficariam prontos, mas, no final, deu tempo. No Brasil é sempre assim.

O nosso técnico é o ótimo Flávio Costa e somos os favoritos, porque ganhamos a Copa América no ano passado, disputada aqui mesmo no Brasil. Esse torneio foi uma espécie de ensaio para a Copa do Mundo. E passamos com louvor!

Nosso time possui grandes jogadores. Temos o classudo Jair da Rosa Pinto, o driblador Tesourinha, o matador Ademir, o elegante Zizinho, o veloz Friaça, e um meio de campo cheio de bons jogadores, como Eli, Danilo, Bigode, Bauer, Rui e Noronha. Sem falar no seguro goleiro Barbosa. Esta tal de Copa do Mundo encheu o país de esperanças e brios. É como se ela marcasse o começo de um novo Brasil, mais moderno e mais integrado ao resto do mundo. Imagine que virão 12 seleções estrangeiras para cá!

Os representantes da América Latina, além de nós, é claro, são Uruguai, Chile, Paraguai, Bolívia e México. A Argentina, que queria ser a anfitriã, não vai participar como forma de protesto. Ah, esses portenbos são fogo...

Quanto aos favoritos, a seleção da Espanha está muito bem cotada, pois tem a dupla Zarra e Basora, dois grandes jogadores que metem medo em qualquer adversário. Um perigo! Alguns também falam que o Uruguai é um time perigoso. Mas a verdade é que na última Copa América ele ficou em sexto lugar. E nós o goleamos por 5 a 1. Está fora do páreo.

Mas o mais importante é que esta Copa vai transformar o Brasil. Ficaremos mais conhecidos em todo mundo, o turismo aumentará espetacularmente, os novos estádios servirão de exemplo para os outros times e teremos um futebol mais maduro. É a hora do gigante adormecido acordar. Ele vai tirar o pijama, colocar o uniforme branco da seleção e entrar em campo, meu filho.

Estou tão confiante que até já comprei um ingresso para a final. Aposto que estaremos lá. E venceremos. Depois disso nosso país nunca mais será o mesmo. Avante, Brasil!

*Um abraço de seu pai, sempre esperançoso,
Júlio.*

1950



Thiago Silva e Fred comemoram com o goleiro Júlio César o pênalti defendido contra o Uruguai pela Copa das Confederações desse ano no Mineirão.

Meu querido pai Geraldino, sei que você já está muito velho e já não consegue enxergar as letras, mas mando esta carta porque sua enfermeira pode lê-la para você. E uma carta sempre pode ser uma bela recordação.

Estou aqui no Rio de Janeiro trabalhando nos últimos detalhes do Maracanã, que é um grande estádio de futebol, onde cabem 73,5 mil pessoas. Ele é o trigésimo-primeiro maior estádio do mundo. Impressionante, não?

O Maracanã foi reformado para a Copa do Mundo, que vai ser aqui no Brasil. Você lembra o que é uma Copa do Mundo? É como se fosse um concurso de miss universo, só que em vez de garotas concorrem seleções de futebol. Nós já ganhamos cinco copas. Somos os maiores do mundo. A torcida está animadíssima e só se fala nisso no twitter. Reformaram sete estádios para a Copa. E construíram cinco. Um destes foi feito em Manaus, onde o campeonato estadual tem em média apenas oitocentos torcedores por jogo. Não tenho a menor ideia do que vão fazer com ele depois da Copa. Dizem que pode ser transformado numa prisão. Quem devia ir para lá é quem ganhou dinheiro com uma obra tão inútil.

Os estádios parecem que nunca vão ficar prontos. Mas, no final, aposto que vão pagar uma taxa de urgência para as construtoras e dará tempo. No Brasil é sempre assim. O nosso técnico é o ótimo Felipão. Estamos, como sempre, entre os favoritos, porque ganhamos a Copa das Confederações, disputada aqui mesmo no Brasil. Esse torneio foi uma espécie de ensaio para a Copa do Mundo. E nossa equipe foi aprovada com louvor!

A seleção possui grandes jogadores. Temos o classudo Thiago Silva, o driblador Neymar, o matador Fred, o forte Hulk, o veloz Lucas e um meio de campo cheio de bons jogadores, como Oscar, Ronaldinho Gaúcho, Ramires, Hernanes e Paulinho. Sem falar no seguro goleiro Júlio César.

Esta Copa encheu o país de esperanças e sonhos. É como se ela marcasse o começo de um novo Brasil, mais moderno e mais globalizado. Imagine que virão 31 seleções estrangeiras para cá. E milhares de turistas!

Os representantes da América Latina, além de nós, é claro, são Chile, Colômbia, Equador, Costa Rica, Honduras e Argentina, que se classificou antecipadamente. Ah, esses portenbos são fogo...

Quanto ao Uruguai, coitado, vai disputar a repescagem contra a Jordânia. Mesmo que consiga a vaga, está fora do páreo. Uma das favoritas é a seleção da Espanha, pois tem a dupla Xavi e Iniesta, dois grandes jogadores que metem medo em qualquer adversário. Um perigo! O mais importante é que esta Copa vai transformar o Brasil. Ganharemos mais credibilidade em todo mundo, o turismo aumentará espetacularmente, os novos estádios servirão de exemplo para os outros e enfim teremos um país e um futebol mais maduros.

É a hora do gigante adormecido acordar. Ele vai tirar o pijama, colocar o uniforme amarelo e azul da seleção (com o logo da Nike) e entrar em campo.

Estou tão confiante que até já comprei um ingresso para a final. Acho que estaremos lá. Mas, se não estivermos, vou vendê-lo por uma nota. Vai, Brasil!

*Um beijo de sua filha esperançosa, mas nem tanto,
Júlia.*

José Roberto Torero é jornalista, analista de futebol e colunista.

BUTÃO:

PAÍS 100% ORGÂNICO

Tânia Rabello

O país já se auto-intituiu como a nação da felicidade e adotou até um índice para medir isso – o FIB, ou Felicidade Interna Bruta, em vez do PIB, Produto Interno Bruto, que só considera indicadores econômicos, sem levar em conta o bem-estar da população.

Recentemente, avançou um pouco mais em questão de políticas públicas e decidiu que, até 2020, será o primeiro país do planeta a praticar uma agricultura 100% orgânica – ou seja, sem a utilização de adubos químicos sintéticos e agrotóxicos. Estamos

“Os butaneses têm tradição em temas ambientais. Preservam, por exemplo, 80% do seu território com florestas nativas.”

falando do Butão, país de apenas 700 mil habitantes, encravado entre dois gigantes: China (1,4 bilhão de habitantes) e Índia (1,2 bilhão de habitantes).

Os butaneses têm tradição em temas ambientais. Preservam, por exemplo, 80% do seu território com florestas nativas. Outra prova é a decisão de deslocar o aeroporto para a cidade de Paro, um dos poucos lugares planos do país, encravado no meio da Cordilheira do Himalaia. Chegar ao Butão de avião por Paro é para os bravos. Após uma curva fechadíssima em montanhas de mais de 4 mil metros de altitude, o avião consegue aprumar-se e achar a pista, escondida no meio do vale. A pacata Paro é mais distante de Thimpu, a capital, do que o vale Phobjika, muito mais amplo e com relevo ideal para construir a pista de pouso para os três aviões da Druk Air – a companhia aérea do Butão.

O governo butanês desistiu, porém, de construir o aeroporto em Phobjika também por um fator ambiental: ali vive uma rara ave, a black naked crane, observada à distância pelos visitantes do vale maravilhoso, com o auxílio de uma luneta.

Para o primeiro-ministro butanês, Jigmi Y. Thinley, que instituiu a Política Nacional Orgânica, “os produtores butaneses estão convencidos de que o cultivo orgânico ajuda a manter o fluxo de bênçãos da natureza”. E mais: o ministério que vai adotar a política

é o de Agricultura e Florestas. Bem diferente do Brasil, que vê agricultura como algo antagônico à floresta.

Uma das medidas rumo à agroecologia total é corajosa e bem no estilo do filme *O Rato que Ruge* – estrelado por Peter Sellers, e no qual um pequeno país, em dificuldades financeiras, declara guerra a ninguém menos do que os Estados Unidos. Já no Butão, o governo, liderado pelo rei Jigme Khesar Wangchukrei, decidiu ir reduzindo, até eliminar, todas as importações de agrotóxicos e fertilizantes químicos da Índia – país que mais traz divisas ao Butão, ao comprar a energia hidrelétrica ali produzida, a principal fonte de renda de uma nação que vive basicamente de agricultura de subsistência e mais recentemente do turismo.

Mas, para quem conhece o reino budista, decisões do gênero não surpreendem. Há alguns anos, o país baniu a compra, venda, fabricação e importação de cigarros – o que não quer dizer que eles não circulem por ali. E retirou, em Thimpu os semáforos, que não foram bem aceitos pela população, que reivindicou a volta do velho e bom guarda de trânsito. O oficial, que monitora o vai e vem dos carros no principal cruzamento da capital, é o personagem mais fotografado do país pelos turistas que visitam o Butão. De outro lado, o Butão aceita, porém, a invasão massiva da programação televisiva da Índia – um lixo. Não se pode ser perfeito em tudo, afinal.

“NÃO EXISTEM EXPECTADORES INOCENTES”

**HENRY SOBEL PARTE PARA OS ESTADOS UNIDOS
DEPOIS DE 40 ANOS DE PRELADO NO BRASIL**



Eduardo Rascov

“Não nos é ordenado meramente defender a justiça, aprovar a justiça, aplaudir a justiça. Somos incitados a buscá-la ativamente, trabalhar por ela, lutar por ela, empenhar-nos com perseverança por ela. Em face da injustiça, não podemos ser neutros ou indiferentes. Deixar de agir quando uma injustiça está sendo cometida nos torna cúmplices. Não existem expectadores inocentes.” Essas são palavras do rabino Henry Sobel, pronunciadas na homenagem que recebeu no Memorial da América Latina em 31 de outubro, que também serviu de despedida para o prelado de 71 anos, já que está indo morar nos EUA. Essas palavras o nortearam desde o início do seu rabinado no Brasil, há quarenta anos, por certo pensaram as cerca de quinhentas pessoas que o ouviram no *foyer* do Auditório Simón Bolívar.

A solenidade foi uma iniciativa do Instituto Herzog, da Congregação Israelita Paulista e da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico e teve o apoio do Memorial. Líderes religiosos participaram da cerimônia, entre eles, o cardeal arcebispo de São

Paulo Dom Odilo Scherer, o xeique Armando Hussein Saleh e Egbomi Conceição Reis de Ogum, representante do candomblé da linha Ketu e militante do Movimento Negro Unificado. Segundo ela, “o rabino Sobel teve um olhar favorável para as religiões de matriz negra. Só está na história quem fez a história. Ele puxou a integração das religiões por meio do ecumenismo e estava sempre presente em nossos batizados e enterros”, conta.

Depois de recapitular sua atuação no desmascaramento da farsa montada pelos militares para encobrir a tortura e assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em 1975, o rabino concluiu: “A lição por trás disso tudo? A necessidade de uma fraternidade abrangente, a necessidade de lutar pela justiça no mundo inteiro. Não podemos nos dar ao luxo de manter-nos à distância. Temos que ousar, nos envolver em assuntos que aparentemente não são nossos. São, sim. Enquanto houver um homem ou uma mulher sendo perseguido em algum lugar do planeta, isto nos atinge”.

PRÊMIO



LYGIA FAGUNDES TELLES

RECEBE O TROFÉU MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

“Me leiam. Não me deixem morrer”. Esse foi o pedido de Lygia Fagundes Telles ao receber homenagem da UBE (União Brasileira de Escritores), da Academia Paulista de Letras e do Memorial em outubro. A escritora de 90 anos segurou firme o troféu Memorial da América Latina, uma réplica da “Mão”, escultura de Niemeyer que se tornou símbolo das lutas latino-americanas por justiça e paz. Em seguida, ela foi ovacionada pelo público que lotou o auditório da biblioteca e se entregou emocionada ao calor humano e à energia que fluía de seus leitores. Com certeza seu pedido será atendido.

Lygia Fagundes Telles é uma das escritoras brasileiras mais profícuas. Ao longo de sua carreira publicou cerca de vinte e quatro livros e recebeu vários prêmios no Brasil e no Exterior.

O Memorial organizou uma mostra em sua homenagem na Biblioteca Latino-Americana Victor Civita, e houve também o lançamento dos livros “Lygia Fagundes Telles entre Ritos e Memória”, organizado por Suênio Campos de Lucena e Carlos Magno; “Sombras Silenciosas: Estranheza e Solidão em Lygia Fagundes Telles e Edward Hopper (Eduff)”, de Mabel Knust Pedra; e “Caros Autores” (RG Editores), de Fábio Lucas.

Eclipse

Victor Manuel Mendiola

*Te crece la cara,
cuando te aproxima a su cuerpo
te crece la cara.
Arrodillado
entre las blancas
esferas de sus pechos;
bebido y zafio
en la rosada duna
aridente de su púbis
te crece la cara.
Se te ensancha
em uma extensão
sobre su piel.
Primeiro, medio día,
después, todo su mundo
hasta que tu rostro
es un sol aproximado y lleno
en la atmósfera
iluminada de sus labios
en el planeta
encendido de su cuerpo.*

Victor Manuel Mendiola é poeta, crítico literário e autor de Trigo (coletânea 1983), Nubes (1987) e Vuelo 294 (1992). É colaborador de jornais e revistas mexicanas e de vários outros países.

MEMORIAL **DA AMÉRICA** **LATINA**

AO LADO DO METRÔ BARRA FUNDA

AV. AURO SOARES DE MOURA ANDRADE, 664
01156-001 - SÃO PAULO SP (11) 3823.4600
www.memorial.org.br

